

UNIVERSIDADE VILA VELHA – ES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

**DANÇA, A ARTE QUE CORRE NAS VEIAS: A DANÇA COMO
INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL**

LUDMILA RODRIGUES MACHADO

VILA VELHA - ES
AGOSTO/ 2014

DANÇA, A ARTE QUE CORRE NAS VEIAS: A DANÇA COMO INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

Dissertação apresentada a Universidade Vila Velha - ES, como pré-requisito do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política, para a obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

LUDMILA RODRIGUES MACHADO

VILA VELHA - ES
AGOSTO/ 2014

Catálogo na publicação elaborada pela Biblioteca Central / UVV-ES

M149d Machado, Ludmila Rodrigues.

Dança, a arte que corre nas veias: a dança como instrumento de inclusão social / Ludmila Rodrigues Machado. – 2013.

164 f.: il.

Orientador: Irineu Francisco Barreto Junior.

Dissertação (mestrado em Sociologia Política) - Universidade Vila Velha, 2013.

Inclui bibliografias.

1. Dança – História. 2. Dança - Aspectos sociais. 3. Integração social – História. I. Barreto Junior, Irineu Francisco. II. Universidade Vila Velha. III. Título.

CDD 793.3

LUDMILA RODRIGUES MACHADO

DANÇA, A ARTE QUE CORRE NAS VEIAS: A DANÇA COMO
INSTRUMENTO DE INCLUSÃO SOCIAL

Dissertação apresentada a Universidade Vila Velha, como pré-requisito do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, para obtenção do grau de Mestre em Sociologia Política.

Aprovada em 18 de agosto de 2014

Banca Examinadora:



Prof. Dr. Irineu Francisco Barreto Junior
Universidade Vila Velha - ES
Orientador



Profa. Dra. Tânia Mara Zanotti Guerra Frizzera Delboni
Universidade Vila Velha - ES



Profa. Dra. Rossana Ferreira da Silva Mattos
Universidade Vila Velha - ES

Aos meus Professores, que me ensinaram a amar a Dança.

Aos meus alunos, por trazerem consigo o amor a Dança.

Ao Irineu, por me entender, acreditar em mim e me orientar com tanta inteligência e sensibilidade.

Ao Rodrigo, razão da minha vida.

À Laura e Marcílio, que me deram a vida.

A Dança,

[...] Te amo sem saber como, nem quando, nem onde, te amo diretamente sem problemas nem orgulho, assim te amo porque não sei amar de outra maneira.

(Pablo Neruda)

RESUMO

MACHADO, Ludmila Rodrigues. Universidade Vila Velha – ES, agosto de 2014.

Dança, a arte que corre nas veias: a dança como instrumento de inclusão social. Orientador: Irineu Francisco Barreto Junior.

Este estudo se propôs a analisar a possibilidade de compreender a prática da dança como mecanismo de inclusão social. Abordou a potencialidade da dança clássica no Brasil, em áreas de exclusão social, provocar efeitos relacionados ao desenvolvimento mais global do indivíduo, tais como elevação da autoestima, possibilidade de exercer a dança profissionalmente e promover a ascensão social. Tomou como cenário o Brasil a partir dos anos de 1990, no qual foram desenvolvidos programas de inclusão e justiça social através de ações políticas criativas que almejam atenuar as diferenças socioeconômicas e as situações de direitos negados ao longo da história social brasileira. Em suma, a pesquisa indagou de que modo a dança pode servir como mecanismo de inclusão social, influenciar ou mudar a condição de vida dos indivíduos e vir a se tornar uma ação inclusiva. A pesquisa almejou, ainda, desenvolver uma análise a respeito da dança clássica como mecanismo de promoção social e analisar relatos de indivíduos que tiveram suas competências expandidas através dessa modalidade. Para tal finalidade, a pesquisa desenvolveu estudos de casos sobre pessoas que por intermédio da dança tiveram a possibilidade de desenvolver suas potencialidades e mudar sua história de vida. A pesquisa concluiu que os relatos apresentados reportam ações efetivas de elevação da autoestima, desenvolvimento de competências e de habilidades diretamente relacionadas ao curso da dança clássica.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão Social; Cidadania; Arte; Dança.

ABSTRACT

MACHADO, Ludmila Rodrigues. Universidade Vila Velha – ES; August, 2014.

Dance, art that flows in the veins: the dance as a tool for social inclusion. Advisor: Irineu Francisco Barreto Junior.

This study aims to analyze the possibility to understand the practice of dance as a mechanism for social inclusion. Discusses the possibility of classical dance in Brazil in areas of social exclusion, causing more related to overall development of the individual, such as increasing self-esteem, ability to pursue dance professionally and promote social mobility effects. Takes like Brazil scenario from the 1990s, in which inclusion and social justice through creative political action that aims to alleviate the socioeconomic differences and situations denials along the Brazilian social history programs were developed. In short, the research seeks to ask how dance can serve as a mechanism for social inclusion, influence or change the condition of life of individuals and eventually become an inclusive action. In short, the research aims to develop an analysis of the classical dance as social promotion mechanism, and analyze reports of individuals who have expanded their skills through this modality. For this purpose, the research has developed case studies on people through dance had the opportunity to develop their potential and change their life story. The research concludes that the reports submitted report effective actions to increase self-esteem, skills development and skills directly related to the course of classical dance.

KEYWORDS: Social Inclusion; Citizenship; Art, Dance.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1 - Cesar Augusto, o embalador que se torna bailarino e ao lado da bailarina Larissa Zani, conquista o palco do maior festival de dança do mundo, o Festival de Dança de Joinville. (Fonte: arquivo pessoal). 19
- Fotografia 2 - Ricardo Reis e outros bailarinos do projeto social do Ballet Ludmila Machado dançando o clássico: A Bela Adormecida no Festival Internacional de Dança de Rio das Ostras/RJ. (Fonte: arquivo pessoal). 24
- Fotografia 3 - Thais de Luca, ex-bolsista no Ballet Ludmila Machado, hoje bailarina profissional premiada e professora e coreografa de ballet clássico e street dance. (Fonte: arquivo pessoal). 25
- Fotografia 4 - A bailarina Larissa da Silva Araujo realizando o sonho de comprar sua sapatilha Gaynor Minden, em NY. (Fonte: arquivo pessoal). 27
- Fotografia 5 - Nossa princesa não tem carroagem. Para ir ao ballet, avo e neta esperam pelo onibus no ponto. (Fonte: Evandro Nossa, G1/ES). 32
- Fotografia 6 - Wally Rafael Bernardo, o pedreiro que virou bailarino e agora recebe convites ate do exterior. (Fonte: arquivo Gazeta Online). 36
- Fotografia 7 - Larissa da Silva e suas amigas do Ballet em dia de apresentacao. (Fonte: arquivo pessoal). 42
- Fotografia 8 - Larissa e suas novas amigas chinesas. (Fonte: Arquivo pessoal). 45
- Fotografia 9 - Larissa Silva e Izadora Nascimento no duo: Camponesas. (Fonte: Mario Veloso). 46
- Fotografia 10 - Larissa e sua nova amiga de curso Anne. (Fonte: Arquivo pessoal). 48

Fotografia 11 - Bailarinos de projetos sociais participando de Wworshop com a professora Uruguaia Marlene Lago durante o Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Mario Veloso).....	51
Fotografia 12 - Cesar Augusto e Ricardo Reis dancando o I Ato do Ballet A Bela Adormecida no Festival Internacional de Dança de Rio das Ostras. (Fonte: Arquivo particular).	54
Fotografia 13 - Larissa da Silva em aula do Professor Franco e Vita no ABT em Nova Iorque. (Fonte: Arquivo particular).	56
Fotografia 14 - Larissa na sua sala de aula. (Fonte: Arquivo particular).	57
Fotografia 15 - Larissa da Silva, 1o. lugar com seu solo classico infantil Brincante no Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Mario Veloso).	58
Fotografia 16 - Recorte jornalístico (Fonte: A Gazeta).	59
Fotografia 17 - Sonho realizado (Fonte: Arquivo particular).	61
Fotografia 18 - A bailarina Erica Rodrigues apresentando seu solo In Time no Festival Internacional de Dança de Goiás (Fonte: Mario Veloso).....	62
Fotografia 19 - Larissa da Silva na aula de encerramento do curso de verão 2013 do AAB em Nova Iorque (Fonte: Arquivo particular).	63
Fotografia 20 - Izadora Nascimento participando de curso de verão em Santiago de Chile (Fonte: Arquivo particular).....	64
Fotografia 21 - Na janela do ônibus, Larissa sonha com as ruas de Miami e Nova Iorque (Fonte: Leandro Nossa - G1/ ES).....	65
Fotografia 22 - Cesar Augusto, parceiro da bailarina Laisa Coelho, no Pas de Deux A bela Adormecida. (Fonte: Arquivo particular).	66

Fotografia 23 - Ricardo Reis dançando com Ligia Araujo, também bolsista, o Pas de Deus de A Escrava e o Mercador no Festival Internacional de Dança de Rio das Ostras (Fonte: Arquivo particular).	67
Fotografia 24 - A bailarina Larissa da Silva posa para fotos no Miami Ballet. (Fonte: Arquivo particular).	68
Fotografia 25 - Wally Rafael Bernardo. (Fonte: Divulgação Gazeta online).	69
Fotografia 26 - Wally Rafael Bernardo e Maria Gabriela Machado. (Fonte: Divulgação Gazeta Online).	69
Fotografia 27 - Cesar se realiza dando aulas. (Fonte: Gabriel Lordelio GZ). ...	70
Fotografia 28 - Izadora no encerramento do curso de verão realizado no Chile. (Fonte: arquivo particular).	71
Fotografia 29 - Willian dançando Dom Quixote no Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Mário Veloso).	72
Fotografia 30 - Ricardo Reis e Thais de Luca dançando o Pas de deus Carnaval em Vezena. (Fonte: arquivo particular).	73
Fotografia 31 - Larissa, Izadora e Maria Alexandra dançando o trio O Sonho dos Anjos em Goiania (Fonte: Mário Veloso).	74
Fotografia 32 - As bolsistas Evelyn Viguini e Larissa Trigueiro se divertindo na exposição de grafites, durante o Festival Internaional de Dança de Goiás, para mostrar que a dança esta em todor lugar! (Fonte: arquivo particular).	75
Fotografia 33 - Cesar brilha, ao lado da bailarina LArissaZani, nos palcos de Joiville. (Fonte: arquivo particular).	77
Fotografia 34 - Premios conquistados pelo gurpo de bolsistas no Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Arquivo particular).	78

LISTA DE RELATOS JORNALÍSTICOS

ANEXO I.....	85
RELATOS JORNALÍSTICOS 1: A BAILARINA LARISSA SONHA EM DANÇAR NOS ESTADOS UNIDOS	85
ANEXO II.....	94
RELATOS JORNALÍSTICOS: COM TIJOLOS E SAPATILHAS, ELE MOSTRA SEU TALENTO	94
ANEXO III.....	98
RELATOS JORNALÍSTICOS: DE EMBALADOR DE PADARIA A PROFESSOR DE BALÉ, CÉSAR HOJE COLECIONA PRÊMIOS NA DANÇA.....	98
ANEXO IV	100
RELATOS JORNALÍSTICOS: ACES – AÇÃO COMUNITÁRIA DO ES: PROETO PEQUENOS TALENTOS	100

LISTA DE ENTREVISTAS

ANEXO V	103
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: LARISSA DA SILVA ARAÚJO .	103
ANEXO VI	109
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM MARIA LUZIA DA SILVA ARAÚJO	109
ANEXO VII	114
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: GLHEISON RICARDO ALVES DOS REIS	114
ANEXO VIII	122
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: CESAR AUGUSTO FERREIRA	122
ANEXO VIX.....	128
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: ERICA RODRIGUES DE SOUZA	128
ANEXO X	134
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: IZADORA CASSIANO NASCIMENTO.....	134
ANEXO XI	140
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: LARISSA ALVES TRIGUEIRO	140
ANEXO XII	147

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Mary Ellen Aparecida da Silveira	147
ANEXO XIII	154
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Willian Furtado Nunes de Souza	154
ANEXO XIV	160
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Manoely Soares Correia	160

SUMÁRIO

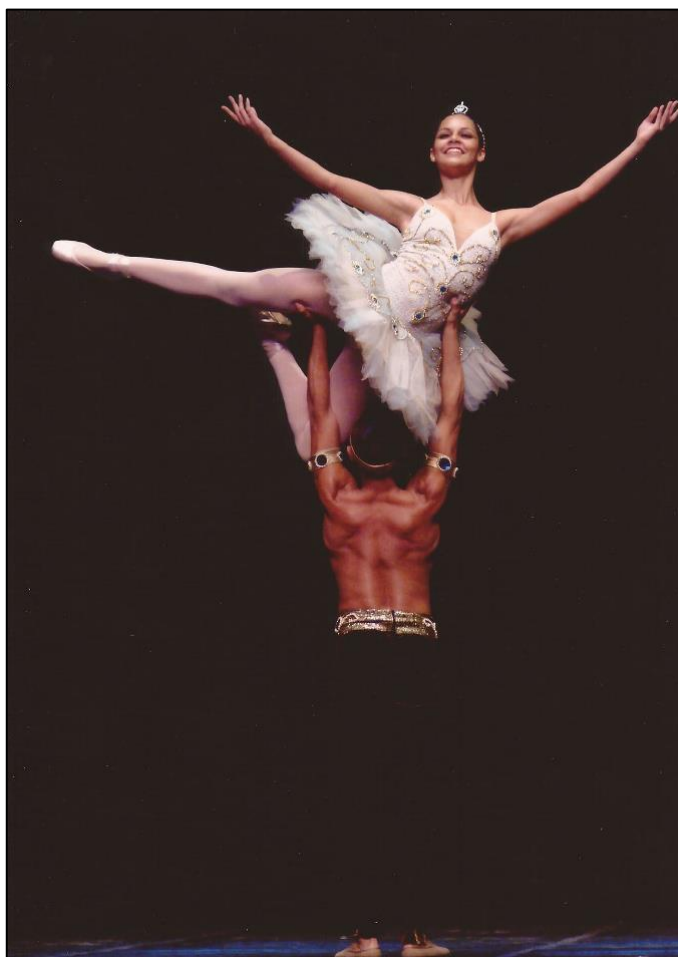
RESUMO.....	8
ABSTRACT.....	9
LISTA DE FOTOGRAFIAS.....	10
LISTA DE RELATOS JORNALÍSTICOS.....	13
LISTA DE ENTREVISTAS.....	14
INTRODUÇÃO.....	19
As Tramas da Pesquisa.....	22
A Delimitação do Marco Teórico.....	26
Os Objetivos, o Problema e a Hipótese de Pesquisa.....	30
A Base Metodológica Construída.....	30
1. UMA INTRODUÇÃO CRÍTICA AO CAPITALISMO MODERNO QUE GERA A EXCLUSÃO SOCIAL.....	32
1.1. Exclusão Social: um conceito em construção.....	33
1.2. A Arte como forma de Inclusão Social e Autoconhecimento para a Construção de Cidadania e Crítica da Sociedade Capitalista.....	42
2. AÇÃO CULTURAL PARA A DEMOCRACIA: A DANÇA COMO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL.....	50
2.1. Democracia: um conceito em construção.....	51
2.2. A arte da dança como forma de autoconhecimento para a construção de cidadania e manifestação da democracia.....	55

	17
3. DO SONHO À REALIDADE	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	81
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	84
ANEXO I	85
RELATOS JORNALÍSTICOS 1: A BAILARINA LARISSA SONHA EM DANÇAR NOS ESTADOS UNIDOS	85
ANEXO II	94
RELATOS JORNALÍSTICOS: COM TIJOLOS E SAPATILHAS, ELE MOSTRA SEU TALENTO	94
ANEXO III	98
RELATOS JORNALÍSTICOS: DE EMBALADOR DE PADARIA A PROFESSOR DE BALÉ, CÉSAR HOJE COLECIONA PRÊMIOS NA DANÇA	98
ANEXO IV	100
RELATOS JORNALÍSTICOS: ACES – AÇÃO COMUNITÁRIA DO ES: PROJETO PEQUENOS TALENTOS	100
ANEXO V	103
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: LARISSA DA SILVA ARAÚJO .	103
ANEXO VI	109
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM MARIA LUZIA DA SILVA ARAÚJO	109

ANEXO VII	114
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: GLHEISON RICARDO ALVES DOS REIS	114
ANEXO VIII	122
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: CESAR AUGUSTO FERREIRA	122
ANEXO VIX	128
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: ERICA RODRIGUES DE SOUZA	128
ANEXO X	134
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: IZADORA CASSIANO NASCIMENTO	134
ANEXO XI	140
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: LARISSA ALVES TRIGUEIRO 140	
ANEXO XII	147
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Mary Ellen Aparecida da Silveira	147
ANEXO XIII	154
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Willian Furtado Nunes de Souza	154
ANEXO XIV	160
ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Manoely Soares Correia	160

INTRODUÇÃO

É possível entender a dança como instrumento de inclusão social? E em se tratando de dança clássica no Brasil, em áreas de exclusão social, quais os impactos da arte, em sua acepção mais ampla, de desenvolvimento e expansão do ser humano? Essas são algumas indagações que fizemos nesta dissertação, apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Sociologia Política, da Universidade Vila Velha (UVV).



Fotografia 1 - Cesar Augusto, o embalador que se torna bailarino e ao lado da bailarina Larissa Zani, conquista o palco do maior festival de dança do mundo, o Festival de Dança de Joinville. (Fonte: arquivo pessoal).

A presente pesquisa apresenta um tema de natureza interdisciplinar; de modo que é possível ousar e dizer um pouco mais: transdisciplinar. Desta forma, as

áreas elencadas foram: artes cênicas (dança e teatro), filosofia, sociologia, educação, geografia e meio ambiente. Os aportes teóricos adotados foram os seguintes: arte, cultura e educação.

Em seu livro: *Temas de Filosofia*, Aranha e Martins (2008, p.52) destacam que “[...] a arte é um dos modos de se atribuir significados ao mundo [...]” e classificam a arte erudita como:

[...] obras de pintura, escultura, literatura, música, dança e teatro criadas por artistas, tendo valor estético indiscutível, isto é, são capazes de sustentar a apreciação estética de um público com sensibilidade treinada, portadores de conhecimentos específicos sobre arte, estilos e linguagens artísticas (ARANHA, MARTINS, 2008, p.52).

Para Aranha e Martins, a preocupação com a arte é algo que vem acontecendo desde a Antiguidade. Alguns estão interessados no aprendizado, na educação ou na cultura que o conhecimento de arte pode trazer, porém foi só no século XX que a arte passou a ser valorizada por si, como objeto que possibilita uma experiência estética por seus valores intrínsecos (ARANHA E MARTINS, 2008, p.135). Mesmo que o nosso interesse seja formal, sempre aprendemos alguma coisa com a arte. Outras vezes, usamos a arte na sala de aula para ensinar outros assuntos.

Ainda de acordo com Aranha e Martins (2008, p.133), arte é: “[...] a forma de o ser humano marcar sua presença no mundo [...], em vez de dizer as coisas são assim, o artista mostra, por meio de sua criação, que as coisas podem ser assim”; e afirmam que a cultura pode ser definida como “[...] o modo como indivíduos e comunidade respondem às suas necessidades e aos seus desejos simbólicos” (2008, p. 21).

Afirmam ainda que “[...] tudo que faz parte do mundo humano é cultura” (2008, p. 21). Segundo Huges de Varine (*apud* CLAXTON, 1999, p. 30), “Cultura é a soma total das soluções originais que um grupo de seres humanos inventa para se adaptarem ao seu ambiente natural e social”. Laraia (2001, pp. 51-52) acentua a contribuição de Kroeber para ampliação do conceito de cultura:

1. A cultura determina o comportamento do homem e justifica as suas realizações;

2. O homem age de acordo com os seus padrões culturais;
3. A cultura é o meio de adaptação aos diferentes ambientes ecológicos;
4. O homem foi capaz de romper as barreiras das diferenças ambientais e transformar toda a terra em seu hábitat;
5. Adquirindo cultura, o homem passou a depender muito mais do aprendizado do que a agir através de atitudes geneticamente determinadas;
6. Este processo de aprendizagem determina o seu comportamento e a sua capacidade artística ou profissional;
7. A cultura é um processo acumulativo, resultante de toda a experiência histórica das gerações anteriores;
8. Os gênios são indivíduos altamente inteligentes que têm a oportunidade de utilizar o conhecimento existente ao seu dispor e criar um novo objeto ou uma nova técnica.

O terceiro aporte teórico, a educação, de acordo com as reflexões de Duarte Jr. (2002, p. 74), é por certo:

Uma atividade profundamente estética e criadora em si própria. Ela tem o sentido do jogo, do brincar, em que nos envolvemos prazerosamente em busca de uma harmonia. Na educação joga-se com a construção do sentido que deve fundamentar nossa compreensão do mundo e da vida que nele vivemos. No espaço educacional comprometemo-nos com a nossa "visão de mundo", com nossa palavra. Estamos ali em pessoa-uma pessoa que tem os seus pontos de vista, suas opiniões, desejos e paixões. Não somos apenas veículos para a transmissão de ideias de terceiros: repetidores de opiniões alheias, neutros e objetivos. A relação educacional é, sobretudo, uma relação de pessoa a pessoa, humana e envolvente (DUARTE JR, 2002, p.74).

Conforme Vygotsky (*apud* REGO: 1994) “numa relação educacional, o desenvolvimento cognitivo é produzido pela internalização de conhecimentos, papéis e funções sociais, o que permite a formação de conhecimentos e da própria consciência.” Ainda para Vygotsky (*apud* REGO: 1994), o sujeito não é apenas ativo, mas interativo, forma conhecimentos e se constitui a partir de relações intra e interpessoais. Esse processo que caminha do viés social - relações interpessoais - para o plano individual interno - relações intrapessoais. Assim, a escola é o lugar onde a intervenção pedagógica intencional leva ao processo ensino-aprendizagem.

Perrenoud (1999) aponta que no decorrer de nossa formação é que construímos e armazenamos o conhecimento, que nada mais é do que uma representação da realidade. Porém “as competências manifestadas por nossas ações, não são apenas, conhecimentos, mas elas integram, utilizam ou mobilizam tais conhecimentos” (PERRENOUD, 1999, p. 08). Percebemos que conhecimento e competência são estreitamente complementares, devem se relacionar de forma harmoniosa para que o profissional portador de grande bagagem de conhecimento,

também seja um profissional competente. Pois, afinal, podemos possuir conhecimento, sem sermos competentes, mas dificilmente teremos competência sem conhecimento. Perrenoud (1999, p. 10), nos diz que:

A construção de competências, pois, é inseparável da formação de esquemas de mobilização dos conhecimentos com discernimento, em tempo real, ao serviço de uma ação eficaz. Ora, os esquemas de mobilização de diversos recursos cognitivos em uma situação de ação complexa desenvolvem-se e estabilizam-se ao sabor da prática. No ser humano, com efeito, os esquemas não podem ser programados por uma intervenção externa. Não existe, a não ser nas novelas de ficção científica, nenhum “transplante de esquemas”. O sujeito não pode tão pouco construí-los por simples interiorização de um conhecimento procedimental. Os esquemas constroem-se ao sabor de um treinamento, experiências renovadas, ao mesmo tempo redundantes e estruturantes, treinamento esse tanto mais eficaz quando associado a uma postura reflexiva.

Assim, nas concepções de Perrenoud (1999), as competências são aquisições, aprendizados construídos. Construir uma competência significa aprender a identificar e a encontrar os conhecimentos pertinentes.

As Tramas da Pesquisa

A tradição registra que foi através da dança que os primeiros habitantes deste país manifestaram seus sentimentos de alegria e de revolta, de aceitação e de rejeição. Para os índios, na visão de Frede Abreu (2007), o cantar e o dançar, em vários momentos eram um verdadeiro reencontro com os seus ancestrais, além de assegurar a sobrevivência. O mito de criação do mundo Guarani coloca a responsabilidade de promover a manutenção dos cantos, das danças e da sonoridade dos instrumentos musicais, sem os quais a Terra seria destruída.

Para Frede Abreu (2007, s/p), “os negros que aqui chegaram para serem usados como mão-de-obra escrava nas lavouras também se utilizaram da dança para dar vazão a seus sentimentos de alegria, de tristeza, de rebeldia e de aceitação, através, por exemplo, da capoeira e do culto aos Orixás: as divindades africanas dançam e reconstroem as narrativas primordiais.” Assim, a dança se

tornou um símbolo de brasilidade. Frede Abreu fala que capoeira é:

[...] Uma arte de linguagem bem definida, cuja prática se exercita mediante a combinação de luta, dança música, poesia, mandingas, costumes e memórias. Ao seu domínio pertence um repertório de movimentos e golpes de fácil assimilação, aplicados para enfrentar as complexas situações que o jogo coloca no seu desdobramento e as muitas sugestões de improvisos que dele suscitam. (ABREU, 2007, s/p).

Ainda segundo Abreu (2007), tanto a Capoeira como a dança dos Orixás dos cultos Gêge e Nagô se tornaram formas de resistência social da cultura afro-brasileira ao longo dos séculos e na atualidade o movimento negro se reapropria de seus códigos em sua luta política contra o racismo no Brasil e na busca de uma identidade afrobrasileira. Da convergência de influências africanas, indígenas e europeias (portuguesa), surgem as danças populares no Brasil como Congo, Jongo, Côco, Cacuriá, Maracatu, Frevo, Maracatu, Caninha Verde, Bumba Meu Boi, Fandango e Carimbó, que são ao mesmo tempo, formas de dança e jogos populares, onde se inclui o elemento do lúdico e às narrativas populares.

Aqui, porém, a dança é, pois, mais que uma atividade criativa; pode se tornar um mecanismo político através do qual o indivíduo intervém no mundo em que vive. Através da dança, o indivíduo se liberta e manifesta seus ideais de liberdade, de respeito ao outro e à comunidade onde vive, de companheirismo e de criatividade. É, sobretudo, um instrumento criativo que colabora não só para o desenvolvimento físico do indivíduo, mas também para seu desenvolvimento artístico e social. Através da dança, o indivíduo se impõe e se torna um cidadão do mundo.

Contudo, não é apenas a dança popular que colabora para o crescimento do indivíduo. Para sua inclusão social no mundo em que vivemos, mister é introduzir o indivíduo no mundo da cultura e, também, desenvolver o interesse pela cultura clássica, não apenas como um modelo importado da Europa, da Rússia, mas para desenvolver um olhar crítico de como no Brasil se dá a apropriação do que se chama de dança clássica, com seu aprendizado e profissionalização, ou seja, como um mecanismo de inclusão social na atualidade.



Fotografia 2 - Ricardo Reis e outros bailarinos do projeto social do Ballet Ludmila Machado dançando o clássico: A Bela Adormecida no Festival Internacional de Dança de Rio das Ostras/RJ. (Fonte: arquivo pessoal).

Durante toda a minha vida venho vivendo da dança e para dança, mais especificamente para o ballet clássico e tenho observado que muitos talentos ficam excluídos dessa arte devido aos altos custos dos cursos, sapatilhas, trajes e viagens. No entanto, durante minha trajetória, tive a oportunidade de incluir em minha escola de ballet alguns alunos vindos de escolas públicas de bairros de periferia, como Porto Santana e Flexal, em Cariacica/ES, e pude me deparar com grandes talentos que se formaram e hoje atuam como professores e como bailarinos profissionais de sucesso. Após tantas experiências no mundo da dança, e a partir da vivência com alunos bolsistas talentosos, me despertou o interesse nos estudos de políticas públicas que se utilizem da dança como instrumento criativo para a inclusão social.



Fotografia 3 - Thais de Luca, ex-bolsista no Ballet Ludmila Machado, hoje bailarina profissional premiada e professora e coreógrafa de ballet clássico e street dance. (Fonte: arquivo pessoal).

Em 1996, foi instituída no Brasil a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB), tornando obrigatório o ensino de Arte em território nacional nos diversos níveis da educação básica, com o objetivo de promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (LDB 9394/96 Art. 26 - § 2º). Em 1997, foram publicados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que incluem pela primeira vez a dança no seu rol de disciplinas em nosso país com objetivos de valorizar a dança como forma e expressão, interpretação e criação, visando o ensino da dança como uma atividade educativa, recreativa e criativa, que proporciona a construção do conhecimento. (BRASIL, 1997).

Foi, pois, com a convicção que a dança clássica pode ser um fator de propulsão para o desenvolvimento social do indivíduo que se pretende levá-la às escolas públicas municipais e estaduais. Vygotsky apud Rego (1994) acentuava a necessidade de criação de uma escola em que as pessoas possam dialogar, questionar e compartilhar saberes, aberta para transformações, para as diferenças, para o erro, para as contradições, para a colaboração mútua e para a criatividade.

Assim, “Vygotsky sugere um novo paradigma que possibilita um modo diferente de olhar a escola, o conhecimento, a criança, o professor e até a sociedade”. (REGO, 1994, p.124). Ou seja, “[. . .] a prática pedagógica é influenciada

por múltiplas dimensões: social e política, filosófica, ética, técnica, histórica, etc.” (SEVERINO, apud REGO, 1994, p. 124). Por isso, é necessário que o educador tenha acesso a informações de diversas áreas do conhecimento.

Edgard Morin acentua a proposta da complexidade que pretende reunir conhecimentos e disciplinas, além de investir em reformas curriculares que rejuntem natureza e cultura e construam uma aprendizagem capaz de repor a dignidade da condição humana. Segundo Morin (2011, p. 24-25), se a reforma do pensamento conseguisse atingir todos os setores, seria possível supor que a sociedade encontraria energia para construir uma educação pluralista, transgressora e democrática, confirmando assim, as grandes finalidades do ensino que é ensinar a condição humana a começar a viver, ensinar a enfrentar a incerteza e aprender a se tornar cidadão. Como afirma Marshall (1967, p.135), a cidadania social proporcionada por uma política de bem-estar torna o capitalismo suficientemente civilizado para coexistir com a democracia.

A Delimitação do Marco Teórico

No Brasil, a partir dos anos 1990, foram promovidos programas de inclusão e justiça social através de ações políticas criativas buscando amenizar as diferenças socioeconômicas e as situações de direitos negados ao longo da história social brasileira. De acordo com Laswell (1965, p.24), Inclusão Social pode ser definida como: “[...] decisões e análises sobre política pública implicam responder às seguintes questões: quem ganha o quê, por que e que diferença faz”.

A implementação de Inclusão social, como premissa para a cidadania, significa direito de escolha e direito de acesso aos bens e serviços criativos brasileiros. T. H. Marshall, define cidadania como “um status concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade”, no qual “todos são iguais com respeito aos direitos e obrigações” (MARSHALL, 1967, p. 76).

Em 1º de junho de 2012, a Secretaria da Economia Criativa (SEC) foi criada pelo Decreto 7743, com a missão de formular, implementar e monitorar políticas públicas para o desenvolvimento local e regional com o objetivo de tornar a cultura um eixo importante nas políticas públicas de desenvolvimento do Estado brasileiro.

No Brasil, onde existem problemas, tais como desigualdade de oportunidades educacionais e de trabalho; analfabetismo funcional; violência e pouco acesso à cultura, a inclusão social é um princípio fundamental para o desenvolvimento de políticas públicas culturais na área da economia criativa, pois busca priorizar os indivíduos vulneráveis socialmente.



Fotografia 4 - A bailarina Larissa da Silva Araujo realizando o sonho de comprar sua sapatilha Gaynor Minden, em NY. (Fonte: arquivo pessoal).

Segundo Japisassu (1976), a construção de competências se dá pelo viés da transdisciplinaridade, que une sensibilidade e técnica, atitudes e posturas empreendedoras, habilidades sociais e de comunicação, compreensão de dinâmicas socioculturais e de mercado, análise política e capacidade de articulação, porém são raros os profissionais com competências para se relacionar com os setores criativos já que há poucos cursos de formação no Brasil. Japiassu (1976, p. 74) define transdisciplinaridade como: “Coordenação de todas as disciplinas interdisciplinares do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral”. Segundo

Japiassu (1976, p. 75), o termo transdisciplinaridade foi criado por Piaget, que o conceitua como:

Enfim, à etapa das relações interdisciplinares, podemos esperar que se suceda uma etapa superior, que não se contentaria em atingir interações ou reciprocidade entre pesquisas especializadas, mas que situaria essas ligações no interior de um sistema total, sem fronteiras estabelecidas entre as disciplinas.

Para Enrique Leff:

Transdisciplinaridade pode ser definida como um processo de intercâmbios entre diversos campos e ramos do conhecimento científico, nos quais uns transferem métodos, conceitos, termos e inclusive corpos teóricos inteiros para outros, que são incorporados e assimilados pela disciplina importadora, induzindo um processo contraditório de avanço/retrocesso do conhecimento, característico do desenvolvimento das ciências (LEFF, 1997, p.84).

Em conjunto com a construção do conceito de economia criativa e a determinação dos princípios norteadores das políticas, foi concebida a estrutura institucional, organizacional e de gestão da nova Secretaria. O Plano Nacional de Cultura (PNC) figurou como ponto de partida de criação da Secretaria, em virtude de ter sido instituído pela Lei 12.243 de 02/12/2010 e, principalmente, por corresponder ao axioma do processo de institucionalização de políticas públicas culturais na área da economia criativa, mais especificamente no campo da economia da cultura.

No Governo Lula a dimensão cidadã avançou bastante, mas a dimensão econômica, relacionada à estratégia 4, do Plano Nacional de Cultura, – “Ampliar a participação da cultura no desenvolvimento socioeconômico sustentável” - careceu de políticas públicas para sua efetivação. Essa passa a ser assumida pela Secretaria da Economia Criativa, que tem por objetivo a capacitação e assistência ao trabalhador da cultura (trabalhador criativo) e o estímulo ao desenvolvimento da Economia da Cultura.

À Secretaria de Políticas Culturais compete coordenar programas, ações e estudos relativos ao desenvolvimento das atividades econômicas da cultura e propor medidas de regulamentação da legislação cultural, bem como planejar, coordenar e avaliar políticas orientadas à economia da cultura. Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu art. 21, à Secretaria de Fomento e Incentivo à Cultura compete:

[...] desenvolver, propor e executar mecanismos de financiamento e de implantação de infraestrutura cultural, com vistas a propiciar o desenvolvimento sustentável da produção cultural; promover a realização de coleta de dados, mapeamentos, estudos e pesquisas acerca de modelos e sistemas públicos de financiamento e fomento à cultura; planejar, desenvolver e apoiar ações voltadas à formação de agentes culturais e a qualificação de sistemas de incentivo, fomento e financiamento à cultura; propor, desenvolver e implementar ferramentas de financiamento das atividades culturais, com vistas ao fortalecimento de suas cadeias produtivas; planejar, propor, desenvolver e implantar novos modelos de negócios e de financiamento à cultura, isoladamente ou em parceria com organismos públicos ou privados. (CONSTITUIÇÃO FEDERAL BRASILEIRA, ART. 21, 1988).

Segundo a Constituição Federal de 1988, em seu art. 23, à Diretoria de Desenvolvimento e Avaliação de Mecanismos de Financiamento compete:

[...] implementar, em articulação com instituições financeiras, públicas e privadas, mecanismos de financiamento de atividades da economia do setor cultural; mapear, diagnosticar, propor e implementar novas modalidades de financiamento e investimento para os programas e projetos culturais; promover a capacitação dos agentes empreendedores, empresas e gestores culturais com vistas a assegurar o acesso aos mecanismos de fomento e incentivo. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2ª edição (revisada), pag. 41).

Segundo o site do Supremo Tribunal Federal, acesso em 30 de março de 2013, o Ministro Joaquim Barbosa afirmou que ações afirmativas como políticas públicas são voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade: “A igualdade deixa de ser simplesmente um princípio jurídico a ser respeitado por todos, e passa a ser um objetivo constitucional a ser alcançado pelo Estado e pela sociedade”. O ministro também lembrou que as ações afirmativas podem ser adotadas pela iniciativa privada e até pelo Poder Judiciário, em casos extremos. Ele ressaltou também que nenhuma nação obtém o respeito internacionalmente se, no plano interno, grupos populacionais são discriminados.

De acordo com Sartori:

A igualdade destaca-se, sobretudo como um ideal de protesto, na verdade, como uma ideia de protesto por excelência. A igualdade simboliza e estimula a revolta do homem contra o destino e o acaso, contra a disparidade fortuita, o privilégio cristalizado e o poder injusto (SARTORI, 1994, p.108).

Os Objetivos, o Problema e a Hipótese de Pesquisa

Objetivo Geral: Investigar o potencial da dança como uma estratégia de política pública de cultura capaz de promover o desenvolvimento e a inclusão social.

Objetivos Específicos: Desenvolver uma investigação a respeito da dança clássica como mecanismo de inclusão social com base na literatura com fim de estabelecer um quadro teórico; Com base na literatura, analisar como a dança clássica pode vir a se tornar uma política pública para a inclusão social; Mapear e analisar experiências da efetiva utilização da dança como fator de promoção da cidadania no Estado do Espírito Santo.

Como problemas de investigação, a pesquisa analisou as seguintes questões:

- De que modo dança é usada como instrumento de inclusão social? Enquanto tal, ela pode influenciar ou mudar a vida do indivíduo e como pode vir a se tornar uma política pública?

A pesquisa considerou a seguinte hipótese:

- A dança, apesar das suas potencialidades como fator de inclusão social, é pouco explorada como estratégia de políticas públicas no Brasil.

A Base Metodológica Construída

O trabalho envolveu pesquisa aplicada, estruturada, com finalidade exploratória e de natureza qualitativa e quantitativa, conforme Gil (1987). A metodologia escolhida será hipotética dedutiva. A coleta de dados ocorrerá através de levantamento bibliográfico, como:

- documentos públicos oficiais dos governos federal, estadual e municipal, que registram, apoiam ou incentivam projetos alternativos respaldados pela dança; - relatórios públicos oficiais com indicação dos projetos desenvolvidos por cada cidade, pelos Estados, por legislação federal/estadual/municipal sobre políticas

públicas para educação, dentre outros que se mostrarem de relevância para a pesquisa;

- fontes secundárias que tratem de políticas públicas já estabelecidas, políticas públicas alternativas, inclusão social e dança.

A pesquisa de dados para a levantamento foi feita através de:

- entrevistas semi-estruturadas, com pessoas que tiveram experiência prática no assunto;

A pesquisa empírica foi o ponto central do projeto.

A metodologia foi fundamentada nos princípios da transdisciplinaridade, e procurou dialogar entrediferentes áreas do conhecimento, tais como educação, artes cênicas (dança e teatro), através dos sociólogos Morin (2011), Japiassu (1976), Leff (2001), Bobbio (1997), Marshall (1967) e Sartório (1994).

Foram investigados ações sociais e projetos de políticas públicas, que se utilizam da dança como manifestação artística para inclusão social no Brasil;

A técnica foi aplicação de roteiros semiestruturados de entrevistas aos beneficiários dos projetos selecionados para identificar se deram continuidade ou se aproveitaram da oportunidade proporcionada pelo Projeto em suas trajetórias de vida, que depois serão transcritas e analisadas;

O trabalho fundamentou-seno método dedutivo, ou seja, com princípio no escopo teórico histórico e analítico das políticas públicas, foram analisados casos de ações que promovam a dança como fator de inclusão social e promoção de cidadania.

1. UMA INTRODUÇÃO CRÍTICA AO CAPITALISMO MODERNO QUE GERA A EXCLUSÃO SOCIAL

Falar de exclusão social na contemporaneidade implica um universo de outras palavras e conceitos: pobreza, marginalidade, carência, falta de acesso, vulnerabilidade social, condições precárias de sobrevivência, discriminações de todo gênero e cor, mas o cerne da exclusão social enquanto refração da questão social, entendida aqui a partir da sociedade salarial de Robert Castel (2012), toca em falarmos de uma sociedade que produz a exclusão social para sua própria justificação e conveniência.



Fotografia 5 - Nossa princesa não tem carroagem. Para ir ao ballet, avo e neta esperam pelo onibus no ponto. (Fonte: Evandro Nossa, G1/ES).

Estamos, pois aqui, na esteira da teoria crítica que entende a superação da sociedade de classes como a única forma de superar a exclusão social. Enquanto um ser humano se apropriar do que Karl Marx chamou de mais valia, ou seja, o excedente produzido no processo de trabalho, onde o trabalhador imprime valor sobre a mercadoria, e lhe é devolvida apenas uma parte, o que lhe dá a condição

salarial como única forma de sobrevivência.

Porém, aos que não pertencem à classe trabalhadora, e muito menos à burguesia, só lhes resta o enfrentamento corporal nas ruas das grandes metrópoles, nos guetos da marginalidade, nas rodovias com a prostituição e até mesmo dentro dos espaços estabelecidos quando distinguimos sanidade de loucura. Para este feixo de processos de exclusão social encontramos autores de perspectivas diferentes que vão desde os clássicos como Hannah Arendt, Robert Castel, Pierre Rosanvallon até os mais contemporâneos como Lícia Valladares, Alba Zaluar, Roberto Da Matta, Martine Xiberras, Vera da Silva Teles. Estes autores formam uma rica constelação em torno da discussão da exclusão social a qual tributamos ao belíssimo trabalho de Sarah Escorel, em seu livro “Vidas ao Léu – trajetórias de exclusão social”, quando traça o rico mapa dessa discussão.

Aqui, no entanto, cabe-nos a clareza e a honestidade de que não esgotaremos este assunto, mas faremos uma investigação introdutória para entender a complexidade do termo “exclusão social” e construir um conceito pertinente ao objeto de estudo que venho desenvolvendo no programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha, a saber, “A dança como mecanismo de inclusão social”.

Para tanto, dividimos este capítulo, em duas partes. A primeira busca entender o termo exclusão social com base em alguns dos principais autores apresentados acima e a segunda, construir seu contraponto, que não é apenas a inclusão, mas a superação da desigualdade e aqui, acrescentamos, a superação da sociedade de classes, de onde partimos para o entendimento do conceito de arte, dança e teatro com base em Aranha & Martins, Augusto Boal e Débora Barreto.

1.1. Exclusão Social: um conceito em construção

Segundo Robert Castel (2012), a questão social de hoje seria a existência de inúteis no mundo e a instabilidade do amanhã que provocam o crescimento da vulnerabilidade de massa. O futuro é construído de acordo das opções feitas hoje na política, na economia, na organização do trabalho e nas intervenções do Estado

social.

Para exemplificar, Castel limita quatro eventualidades:

A primeira é que continua a se acentuar a degradação da condição salarial observável desde os anos 70 [...]; a segunda consistiria em tentar manter a situação atual, mais ou menos como está multiplicando os esforços para estabilizá-la [...]; a terceira opção reconhece a perda centralidade do trabalho e a degradação da condição de assalariado, e tenta encontrar-lhe escapatórias, compensações ou alternativas [...]; e na quarta opção, preparar uma redistribuição dos raros recursos que provém do trabalho socialmente útil [...]. (CASTEL, 2012, pp. 560-580).

Segundo Castel (2012), “foram necessários séculos de sacrifício para manter o trabalhador em suas tarefas, através de vantagens sociais que constroem a identidade social, mas nesse momento, a estrutura se instabiliza, através de uma metamorfose inédita, que faz o indivíduo ficar vulnerável, após ter tido proteções.” Numerosas profissões liberais tornam-se, cada vez mais, assalariadas: médicos, advogados e artistas assinam contratos de trabalho com seus empregadores. Portanto, na concepção de Castel, a sociedade atual, ainda é maciçamente salarial. Se hoje as regras devem ser modificadas, deve-se pensar numa metamorfose salarial. Para tal, é preciso pensar na proteção de uma sociedade de indivíduos, pois através da estrutura do contrato não existe referência a proteções, somente garantia de liberdade e de legalidade dos contratos, acentuando a individualidade negativa.

Castel (2012) afirma que a cultura do indivíduo não está morta. Hoje, outro individualismo aparece como metamorfose do individualismo negativo, que propõe o desafio de compreender a sociedade salarial de hoje e de constituir sociedades semelhantes da democracia moderna para torná-la compatível com as exigências crescentes da divisão do trabalho e da estratificação social.

Para Gomes¹, em trabalho apresentado no 32º Encontro Anual da ANPOCS, “a contradição do processo atual de individualização é profunda e ameaça a sociedade de fragmentação que a tornaria ingovernável e cada um poderia trabalhar no que achar necessário”. Ainda para Gomes, “a única maneira de impor coesão à sociedade é através do poder público, pois as antigas formas de solidariedade estão totalmente desgastadas para construir resistência.”

¹Disponível em:

<http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=2446&Itemid=230>. Acesso em 10. Mar. 2014.

A partir deste quadro, Leonardo Secchi (2010, p.2) define política pública como uma diretriz elaborada para enfrentar um problema público:

Uma política pública é uma orientação à atividade ou à passividade de alguém; as atividades ou passividades decorrentes dessa orientação também fazem parte da política pública; uma política pública possui dois elementos fundamentais: intencionalidade pública e resposta a um problema público; em outras palavras, a razão para o estabelecimento de uma política pública é o tratamento ou a resolução de um problema entendido como coletivamente relevante (SECCHI, 2010, p.2).

Dessa forma, Secchi (2010) define que política pública está relacionada a orientações para a decisão e ação, tratando do conteúdo concreto e do conteúdo simbólico de decisões políticas, e do processo de construção e atuação dessas decisões, independente dos atores envolvidos (SECCHI, 2010, p.1).

Celina Souza (2006) considera que, por mais que haja influências externas, o Estado possui espaço de atuação autônomo, mas que pode ser impactado por atores diversos. A autora considera essa autonomia nítida ao perceber a capacidade governamental de tomar decisões. Assim, sempre se chegará a questionamentos relativos ao papel dos governos ao se debater política pública. Para Castel (2012):

O recurso é um Estado estrategista que acompanhe esse processo de individualização, diminuindo pontos de tensão e evitando rupturas, e protetor porque numa sociedade corroída pelo individualismo negativo, não há coesão sem proteção social. a responsabilidade de realizar o mandato é de todos de uma sociedade, mas o comando deve ser fundamentalmente do Estado. A desigualdade revela como é realizada a distribuição de riquezas em um determinado contexto e possibilita identificar os valores sociais que determinam essa distribuição.

Segundo Sarah Escorel (1999) os seres humanos são diferentes entre si, são únicos: “a pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmo, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista, ou venha a existir”. (ARENDR, 1991, apud ESCOREL, 1999, p. 24). A igualdade é resultado da ação dos homens em sociedade, constituindo uma categoria da esfera pública, e nesse sentido, as sociedades se diferem entre si segundo a sua concretização ou não, segundo seu grau de intensidade e segundo os âmbitos da sua prevalência na vida social.

Escorel (1999) afirma que as três dimensões do processo de estratificação

são a riqueza, o prestígio e o poder. Nas sociedades ocidentais e modernas de produção capitalista, os fatores que determinam a estratificação são a propriedade dos meios de produção e a divisão social do trabalho, constituindo um sistema de classes sociais. Nesse sentido, a desigualdade social é um conceito relativo, pois se estabelece uns nos outros. A pobreza relativa, a desigualdade, é a falta de recursos e de consumo usuais da sociedade para uma vida digna. A pobreza absoluta significa não ter acesso aos bens e serviços essenciais, é o afastamento de um mínimo necessário para a manutenção da sobrevivência física de um indivíduo. (SCOREL, 1999, p. 25).



Fotografia 6 - Wally Rafael Bernardo, o pedreiro que virou bailarino e agora recebe convites ate do exterior. (Fonte: arquivo Gazeta Online).

Conforme dados do PNUD, “a desigualdade tem sido uma das características predominantes do desenvolvimento histórico do Brasil. Desde a década de 60, a desigualdade cresceu continuamente e a evolução da pobreza acompanhou os ciclos econômicos de curto prazo.” Entre 1980 e 1990 do grau de desigualdade com alto índice de concentração nos estratos superiores da distribuição. (PNUD, 1996 apud SCOREL, 1999, p. 21).

Para Scorel (1999), desigualdade e pobreza são processos dependentes e interagem, pois o comportamento de uma reforça o desempenho de outra. Assim, o aumento da desigualdade provoca o aumento da pobreza, mas a diminuição da

desigualdade não implica na diminuição dos índices de pobreza, podendo ocorrer uma distribuição de renda entre os setores mais ricos. Mas a pobreza vai além da dimensão econômica, a condição de ser pobre é estudada nas suas representações, nas identidades, nos modos de vida e culturas, nas características psicológicas, etc.

Lícia Valladares (1991, apud ESCOREL, 1999) construiu o quadro do desenvolvimento das representações sobre a pobreza urbana no Brasil, a partir da abolição da escravidão e da instituição da República. Na virada do século houve uma mudança nas relações sociais apoiado na nova economia cafeeira e na migração estrangeira, onde o pobre ocupava o lugar do trabalhador e dos habitantes dos cortiços. A pobreza englobava doença e desordem e se espalhava nas ruas, ameaçando a ordem social.

Segundo Escorel (1999), a origem do termo “exclusão social” é atribuída ao livro “LesExclus: Unfrançaissurdix”, de René Lenoir, publicado em 1974. O título foi conferido pelo editor devido ao sucesso nos trabalhos de Foucault, onde o termo exclusão serve para analisar as formas de distribuição de poder na sociedade e produz diferenças hierarquizantes de forma naturalizada. O termo exclusão social era usado sem causar polêmicas antes do destaque do livro citado. O termo era utilizado, entre as décadas de 70 e 80, como o surgimento de uma nova pobreza, constituída por grupos populacionais diferentes dos já marginalizados. A pauperização começou a atingir até os que pareciam estar inseridos socialmente, usufruindo dos benefícios de desenvolvimento econômico e da proteção social. Na França, a partir dos anos 80, a noção de exclusão social passou a fazer parte do debate público e acadêmico implantando a noção da nova pobreza, assim, foi em solo francês que o termo adquiriu relevância e publicidade. Na década de 90 o tema passou a ter importância política e nos debates eleitorais. (ESCOREL, 1999, p. 32).

Configurava-se o cenário que Pierre Rosavallon (1995) e Robert Castel (1991, 1995) denominaram de a “nova questão social”, problemática contemporânea do final século XX. O núcleo do problema foi identificado na crise do assalariamento como mecanismo de inserção social, ou seja, em mudanças no processo produtivo e na dinâmica de acumulação capitalista que geram desemprego, tornando inviável essa via de constituição de solidariedades e de inserção social. A consequência foi à constituição dos inválidos pela conjuntura e a produção de fraturas na coesão social. A exclusão foi então entendida como uma marca profunda de disfunção da

sociedade que assume uma multiplicidade de formas e se caracteriza por um processo temporal, espacial e social.

Pierre Rosavallon (1995 apud ESCOREL 1999, p. 52) aborda a nova questão social de ordem filosófica a partir do que chama de terceira crise do Estado Providência e utiliza a noção de exclusão relacionada ao mercado de trabalho, como situação extrema do desemprego permanente e também aponta como fenômeno de exclusão a nova pobreza e as pessoas sem teto. Rosavallon busca alternativas e propõe uma nova noção de direito social, o “direito à inserção”, promovendo a inserção pela via do trabalho, promovendo o “direito a ser útil”, e nesse sentido elabora propostas dos “contratos emprego-solidariedade”. Repensar o Estado Providência e reconstruir a solidariedade sobre novas bases envolve conceber de maneira nova a questão social da desocupação: “se nada muda, assistiremos impotentes à consolidação de um novo lumpemproletariado, uma underclass, como se diz nos Estados Unidos (ROSAVALLON, 1995 apud ESCOREL 199, p. 53).

Martine Xiberras (1993, apud ESCOREL, 1999) esclarece a exclusão social como uma interação macro e microssocial ocorre em diversos grupos da população, onde se percebe a ruptura de vínculos sociais. Esse ponto permite reagrupar desde os “inadaptados” de René Lenoir (1974) até o racismo, o terrorismo, passando pela pobreza e pelo desemprego. “É como se a exclusão permitisse reagrupar diferentes enigmas formando por sua vez uma característica global paradoxal”. (Xiberras, (1993 apud ESCOREL, 1999, p. 59). A autora identifica que as categorias populacionais podem ser agrupadas de acordo com os diversos valores e perspectivas, marcados pela diferença que constituem tais atitudes de rejeição e exclusão. Em seu livro, dá ênfase à dimensão simbólica da exclusão:

Os excluídos não são rejeitados apenas fisicamente (racismo), geograficamente, (gueto) ou materialmente (pobreza), são excluídos também das riquezas espirituais: seus valores não são reconhecidos e são ausentes ou excluídos do universo simbólico. Quando surgem, esses valores figuram como divertidos, atributos negativos que os situam na categoria dos estigmatizados, a categoria negativa. (XIBERRAS, 1993, apud ESCOREL, 1999, p. 59).

Assimilação, inserção e integração designam processos de coesão social que promovem modalidades diferenciadas de exclusão: os estrangeiros, que são excluídos da comunidade nacional; os imigrantes que são acolhidos pela comunidade nacional, mas não integrados; e os marginalizados que não participam

ou não aderem ao modelo estabelecido. Portanto, exclusão e inserção são conceitos relativos e suas definições apoiam-se uma na outra. Para Xiberras (1993), inserção significa “dar um lugar” na sociedade, isto é, direitos, oportunidades e estatutos similares.

Exclusão é então definida como a ruptura dos vínculos sociais que unem os indivíduos entre si e fixam os atores ao modelo de sociedade, dos vínculos sociais e dos simbólicos, das representações que conferem a “identidade social”. Para Xiberras, a exclusão pode ser visível e materializada através de comportamentos e atitudes de “evitação”, de desconfiança, de rejeição ou de ódio, além de assumir formas de ruptura do vínculo simbólico. Nessas formas menos perceptíveis

A população de excluídos seria rejeitada para tão longe de nosso universo mental e de nossas fronteiras espaciais, que ela estaria fora de nossa linha de horizonte, fora de nosso pensamento; como o estrangeiro que, enquanto permanece longe, não nos incomoda. Certas formas de representação coletiva não detêm nenhum estatuto, nenhum reconhecimento, é como se elas não existissem. (XIBERRAS, 1993, apud ESCOREL, 1999, p. 60).

As sociedades da modernidade não conseguiram recompor o vínculo social orgânico, mas surgiram grupos onde se nota uma solidariedade de base construída de maneira transversal (policulturismo) e efêmera (ocorrem por um dado tempo em dado espaço). As possibilidades de formação de vínculos sociais sob o paradigma da pós-modernidade incorporam a complexificação e pluralidade das morfologias sociais, o que significa dizer que diferentes sistemas de representação coletiva podem coexistir e formar um todo social, acompanhado de um reconhecimento social global.

Enquanto a tendência na modernidade era de buscar as diferenças que nos separam do outro, o estrangeiro, o tempo da pós-modernidade inclina-se a buscar as similitudes e tende a lembrar aos homens que, afinal de contas, é em conjunto que vivem. (XIBERRAS, 1993, apud ESCOREL, 1999, p. 63).

Outra forma de exclusão seria a ausência dos vínculos sociais orgânicos, onde os indivíduos mantêm os vínculos entre si ou com a sociedade global. Nas sociedades pós-modernas, a pluralidade de tribos permite aos indivíduos inserir-se no seu seio sem gerar vínculo societário. A integração vai tratar da “gestão da solidariedade orgânica”, a capacidade de restabelecer o reconhecimento recíproco e global. (XIBERRAS, 1993).

O isolamento e a solidão segundo Escorel (1999) estão presentes no interior dos grupos, na medida em que o vínculo estabelecido não promove inserção social, além disso, o isolamento físico, o “bloco do eu sozinho”, prevalece entre os moradores de rua como recurso para amenizar conflitos e diminuir a visibilidade, portanto, a repressão. O distanciamento familiar e o rompimento de laços que vinculam o morador de rua à sua comunidade, levam a um isolamento que não pode ser negligenciada, pois confere-lhe o significado de não ter um lugar no mundo.

Arendt (1995 apud ESCOREL 1999) distingue isolamento de solidão, onde no isolamento a característica é a impotência, a incapacidade de agir. A força surge no trabalho em conjunto. O isolamento e a impotência surgem nas tiranias em que ocorre a destruição da esfera pública e a esfera privada permanece intacta.

Para Arendt o isolamento torna-se insuportável quando o homem isolado não é de interesse de ninguém, daí torna-se solidão, que se manifesta mais nitidamente, na companhia de outras pessoas. “É a experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter”. (ARENDR, 1989 apud ESCOREL, 1999, p. 166). Assim, no caso dos moradores de rua, o isolamento social e a solidão acabam por expulsar o indivíduo da própria ideia de humanidade. Nesse caso, “vivem ou morrem sem deixar vestígio algum” e “passam a pertencer à raça humana da mesma forma como animais pertencem a uma dada espécie de animais” (ARENDR 1989 apud ESCOREL 1999, p. 168). Num padrão de sociabilidade que se desenvolve sobre uma privatização da experiência social, “essa experiência de não pertencer ao mundo, é uma das mais radicais experiências que o homem pode ter” (ARENDR, 1989 apud ESCOREL, 1999, p. 264).

Percebemos, assim, que a exclusão social é resultado da complexidade de vários fatores e situações de inserção social dos indivíduos, apresentando múltiplas dimensões, sejam elas objetivas ou subjetivas, como apontam Guimarães et. alli. (2003, p.14):

Revela-se assim, a enorme complexidade de situações passíveis de serem abarcadas pelo conceito de exclusão, sendo que os esforços teóricos devem se dirigir, paulatinamente, para aproximar seu conteúdo das reais possibilidades de alcançar as situações concretas de indivíduos, famílias e comunidades. O conceito de exclusão social remete, portanto, à discussão das novas feições da pobreza e da desigualdade em suas dimensões objetiva, restando ainda um campo aberto a ser explorado para a apreensão

e compreensão dos processos subjetivos que diferenciam social e individualmente grupos e segmentos que, cada vez mais, perdem seu lugar e suas referências enquanto atores/participantes de uma dada comunidade de valores. Por mais difuso e sujeito a controvérsias, entretanto, o conceito tem a capacidade de jogar luz às facetas múltiplas do econômico, do social, do político e do psicológico que se perdeu para cada um frente ao estado de destituição de recursos de toda espécie para o enfrentamento de suas vulnerabilidades e riscos.

Entendemos, portanto, a importância da elaboração de indicadores sociais de desigualdade intraurbana que levem em conta as características das realidades urbanas brasileiras, marcadas pela desigualdade e pobreza que acirram os processos de exclusão social e segregação socioespacial e que dessa forma, possa focalizar e destacar os grupos e as regiões das cidades mais vulneráveis para serem alvos de projetos e políticas públicas de inclusão social e espacial, pois como apontam Guimarães et. alli. (2003, p.21):

Ao considerar ou constituir indicadores sociais, pode-se revelar uma fonte rica de análise de uma situação desde que apresentem as características e propriedades adequadas. Neste sentido, os indicadores sociais contribuirão para uma avaliação diagnóstica confiável e nortearão ações e decisões políticas tanto para instituições públicas e privadas como para os movimentos sociais.

Boron (2003, apud BARRETO JR., 2008), lembra que o Banco Mundial dedicou-se a defender a ideia do novo papel do Estado e sua reforma para os países de periferia e no resultado positivo que certamente seria verificado nos países emergentes. O Banco revestiu a palavra reforma de um caráter progressista e em direção de maior liberdade e igualdade. Porém, as Reformas do Estado que ocorreram na América Latina moveram-se na direção contrária e, por isso, seria mais correto dizer que houve um processo de contra-reforma, de destruição dos aparatos estatais e das políticas sociais, o que resultou em redução de cidadania. (BARRETO JR., 2008).

Dessa forma, em seguida, procuraremos realizar uma breve discussão acerca da arte como forma de inclusão social e autoconhecimento para a construção de cidadania e de crítica da sociedade capitalista.

1.2. A Arte como forma de Inclusão Social e Autoconhecimento para a Construção de Cidadania e de Crítica da Sociedade Capitalista



Fotografia 7 - Larissa da Silva e suas amigas do Ballet em dia de apresentação. (Fonte: arquivo pessoal).

A arte é a forma do ser humano marcar seu lugar e dar significados ao mundo, criando quadros, filmes, músicas, esculturas, vídeos, etc., permitindo a interpretação da realidade como se fosse uma frase. O objeto artístico fala à nossa imaginação, deixa ver, ouvir e sentir o que poderia ser e não o que é. Assim, não há arte verdadeira, nem falsa e nem mentira na arte. Aranha e Martins (2005, p. 133), afirmam que, no mundo atual: [...] a função da arte e o seu valor não estão em copiar a realidade, mas sim na representação simbólica que um artista faz do mundo humano, vivido, transformando-a em objeto de conhecimento.

A preocupação com a arte vem acontecendo desde a Antiguidade. Alguns se interessam no aprendizado, na educação ou na cultura que o conhecimento da arte pode trazer enquanto outros se interessam pela realidade representada. No entanto, foi só no século XX que a arte passou a ser valorizada como objeto que possibilita

uma experiência estética por seus valores intrínsecos. (ARANHA e MARTINS, 2005, p. 135). Mesmo que o interesse seja formal, sempre aprendemos alguma coisa com a arte e muitas vezes a arte é usada na sala de aula para dar exemplos e para ensinar outros assuntos.

Arte é amor. A pessoa amada é um ser único e nós sentimos que ela é insubstituível, sem percebermos que está em movimento. Swan, personagem de Poust, ao reencontrar seu antigo amor, já esquecido, disse: “Eu me apaixonei por uma mulher que nem sequer era meu tipo (que eu não amava). [...]”. (PROUST *apud* BOAL, 2009, p.110).

Augusto Boal prossegue:

Swan acreditava amar a mulher quando estava apenas apaixonado pela perseguição, não pelo encontro. Pela miragem que não existia: era miragem. Seu amor não era Odete, nem nela estava: era projeção de si mesmo. Podemos também pensar que Swan não reconhecia, na paixão extinta, o amor que já não tinha, mas havia tido quando se perseguiram no percurso que faziam juntos! (BOAL, 2009, p.110).

Para ele,

Amar é uma forma de arte e o amante sempre tem algo de artista. Arte é amor no sentido em que, sem essa atração que o sujeito sente pelo objeto que também é sujeito, a arte não existiria (BOAL, 2009, p. 110).

A minha dança é a minha arte: sem o amor que por ela sinto, ela não existiria, ou pelo menos, não da forma que eu tenho feito. Sobre o amor e a arte, Boal afirma que,

O amor, assim como a arte, não oferece nenhuma estabilidade; portanto, da mesma forma que devemos cultivar a arte com amor, o cultivo do amor é uma arte. [...] Arte é a forma de conhecer, e é o conhecimento subjetivo, não científico. O artista viaja além das aparências e penetra nas unicidades escondidas, criando uma nova obra, que nos remete a nós mesmos (BOAL, 2009, p.111).

Quando escuto os primeiros acordes de Canon, de Pachelbel, a doçura de “O Quebra-Nozes”, de Tchaikovsky, o romantismo de Gisele, de Adolphe Adam, a força e a sensualidade de Carmem, de Bizet ou a beleza marcante e singular de Dom Quixote, de Ludwig Minkus, alguma coisa escondida em algum lugar de mim vibra e me faz vibrar feliz, lembrando dos ballets que já dancei!

A arte recria em nós o seu caminho e junto com o amor, nos leva ao infinito.
(BOAL, 2009, p. 112).

Augusto Boal (2009, p. 113), segue afirmando que:

Ciência é arte no sentido de que o Pensamento Sensível intervém no cálculo infinitesimal – que se aproxima da poesia – mas arte não é ciência. [...] A arte não da conta de toda realidade verdadeira, mas é uma verdadeira realidade.

Ainda de acordo com Boal,

A arte da dança revela a musicalidade do corpo em harmonia com espaço, melodia e ritmo, que estruturam o tempo. O teatro organiza as artes que organizam a vida social, fora e dentro de cada um de nós, para que possa ser compreendida à distância, que permite ver o que, diante dos nossos olhos, se esconde. Fazendo uso de grande licença poética, podemos dizer que a dança é o logos do movimento, a música, o logos do som e o teatro, o logos da vida. (BOAL, 2009, p. 122).

Boal afirma (2009, p. 254) que:

O fascismo, o imperialismo e o colonialismo, a exploração de classes, a humilhação das castas e a escravidão aberta ou disfarçada, o racismo e a xenofobia, a tirania sexual, a histórica e universal subjugação da mulher e a devastação do meio ambiente, todas essas epidemias políticas e sociais não são a Verdade Eterna – são verdades temporais que devem ser combatidas sem respiro.

O ser humano, por natureza é, solidário e a arte é o caminho para libertar o homem e para o fortalecimento da cidadania. Boal (2009) acentua:

Temos que criar defesas contra a escravidão estética, que a tantas décadas estão nos impondo – a Estética pode ser perigosa! Temos que descobrir o nosso rosto, escrever a nossa palavra e ouvir a nossa voz – e estética pode ser libertadora! Arte é o caminho! (BOAL, 2009, p.248).



Fotografia 8 - Larissa e suas novas amigas chinesas. (Fonte: Arquivo pessoal).

Segundo Débora Barreto o ensino da arte da dança é importante porque a dança é uma expressão artística e:

propicia o autoconhecimento e conhecimento dos outros, bem como a expressão e a comunicação, através de diálogos verbais e corporais; estimula vivências da corporeidade, incentivando a expressividade; proporciona relacionamentos estéticos com outras pessoas e com o mundo, promovidos pelo fazer artístico; sensibiliza as pessoas, contribuindo para que elas tenham uma educação estética, estimulando relações mais equilibradas e harmoniosas ante o mundo, desenvolvendo a apreciação e a fruição da dança. (BARRETO, 2004, p. 101).

A dança é um fenômeno que sempre se mostrou como forma de expressão humana, seja como forma de lazer ou artística. É um canal de comunicação através de diálogos corporais e verbais que torna possível o autoconhecimento e o conhecimento sobre os outros e a comunicação entre as pessoas.



Fotografia 9 - Larissa Silva e Izadora Nascimento no duo: Camponesas. (Fonte: Mario Veloso).

Para Boal, “o pensamento sensível que a arte e a cultura produzem é essencial para a libertação dos oprimidos, pois amplia e aprofunda sua capacidade de se conhecer.” Boal (2009, p. 16), acentua ainda que:

Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem) se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia.

No mundo real em que vivemos, os opressores usam a arte, a cultura e controlam todos os meios de comunicação como: a palavra (jornais, escolas...), a imagem (fotos, filmes, televisão...), o som (rádios, CDs, shows musicais...), para produzir uma analfabetização e uma anestesia a fim de programar os cidadãos à obediência não contestatória e à falta de criatividade.

Segundo Augusto Boal (2009, p.18), nós cidadãos, antes de tudo somos artistas por vocação ou profissão, e temos que entender que só através da contracomunicação, da contracultura-de-massas, do contradogmatismo; só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade da produção e transmissão da arte, do pleno e livre exercício das duas formas humanas de pensar, só assim será possível a libertação consciente e solitária dos oprimidos e a criação de uma cidade

democrática.

[...] Não basta consumir a cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. [...] Ser humano é ser teatro: ser humano é ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação. (Boal, 2009, p. 18).

[...] A política não é a arte de fazer o que é possível fazer, mas sim, a arte de tornar possível o que é necessário fazer. (Boal, 2009, p. 22).

[...]Arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído, e as imagens falam convencem e dominam. A estes três poderes – Palavra, Som e Imagem – não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos à nossa condição humana. (BOAL, 2009, p. 22).

Boal (2009, p. 38) acentua que culturas harmonizam ou extremam diferenças, reinventam a moral, e sonham com ética. “Culturas são campos de batalha no combate de tudo o que leva à subserviência e à passiva aceitação da opressão em todas as culturas. Portanto, ser cidadão não é aquele que vive em sociedade, mas aquele que a transforma” (BOAL, 2009, p. 38).

Marshall afirma que a cidadania “exige um sentimento direto de participação numa comunidade baseado numa lealdade a uma civilização que é um patrimônio comum. *“Compreende a lealdade de homens livres, imbuídos de direitos e protegidos por uma lei comum. Seu desenvolvimento é estimulado tanto pela luta para adquirir tais direitos quanto pelo gozo dos mesmos, uma vez adquiridos”* (MARSHALL, 1967, p.84).

Na prática, o estado de espírito que inspirou as tentativas de remover essas barreiras se originou numa concepção de igualdade que ultrapassava esses limites, a concepção de igual valor social não apenas de direitos naturais iguais. Assim, embora a cidadania, mesmo no final do século XIX, pouco tivesse feito para reduzir a desigualdade social, ajudara a guiar o progresso para o caminho que conduzia diretamente às políticas igualitárias do século XX. (MARSHALL, 1967, p.84).

Marshall (1967) afirma ainda que:

A cidadania exige um elo de natureza diferente, um sentimento direto de participação numa comunidade baseado numa lealdade a uma civilização que é um patrimônio comum. Compreende a lealdade de homens livres, imbuídos de direitos e protegidos por uma lei comum. Seu desenvolvimento é estimulado tanto pela luta para adquirir tais direitos quanto pelo gozo dos mesmos, uma vez adquiridos. (MARSHALL, 1967, p.84).



Fotografia 10 - Larissa e sua nova amiga de curso Anne. (Fonte: Arquivo pessoal).

Almejamos demonstrar nesse estudo, que a modalidade contemporânea de acumulação capitalista caracteriza-se por prescindir força de trabalho de todas as classes sociais, embora mais acentuadamente nas classes mais pobres. O conceito de exclusão social envolve vulnerabilidade, fragilidade e até ruptura de vínculos familiares, do trabalho, da cidadania, das representações culturais e da vida humana.

Com relação aos processos de desvinculação do trabalho que ocorrem na sociedade brasileira, quando o mercado de trabalho é atingido pelas transformações universalizou e as proteções secundárias não conseguiram substituir a unidade familiar em suas funções de suporte material e simbólico. O desemprego afeta a autoimagem, pode e provoca crises de identidade no Brasil, onde a família e a casa constituem a unidade de pertencimento do ser humano; ficar sem família é frequente estar na pobreza. A exclusão social, o ser sem lugar algum, “essa experiência de não se pertencer ao mundo, que é uma das mais radicais experiências que o homem pode ter” (ARENDR, 1989 apud Escorel, 1999, p. 264), ocorre através da perda dos vínculos sociais.

Aqui, apresentamos a arte como um instrumento privilegiado de reconstrução de identidade e de vínculos sociais, ou seja, como a arte da dança

enquanto processo educativo e produto cultural pode promover a inclusão social da lógica produtivista que exclui os que não se adaptam a ela, promovendo o apagamento das capacidades criativas e criadoras do ser humano.

A arte estimula o ser humano a retratar a sua própria realidade, com todos os seus conflitos, desejos e contradições. Essa possibilidade contribui para o seu autoconhecimento, despertando nos seus sentimentos, a manifestação de suas opiniões para o verdadeiro sentido do “viver em grupo” e a crítica à sociedade capitalista que gera a exclusão social.

O cidadão que se descobre artista, na expressão de Augusto Boal, tem o papel de intervir na sua realidade para transforma-la. A mudança que tanto desejamos está não apenas nas mãos, mas também nos gestos, nas falas e nos atos capazes de engendrar novos movimentos que busquem a inclusão social daqueles que estão sem lugar. Chegou a hora de transformar e incluir com a Arte!

2. AÇÃO CULTURAL PARA A DEMOCRACIA: A DANÇA COMO PROCESSO DE INCLUSÃO SOCIAL

A partir de uma leitura filosófica e sociológica sobre a democracia, este capítulo propõe uma discussão sobre: moral, ética, liberdade, ação cultural, arte e dança, para a necessária transformação cultural capaz de entender as bases do sistema capitalista em sua fase neoliberal e utilizamos como suporte principal a leitura de Marilena Chauí e Paulo Freire. Para entender a democracia encontramos também autores de perspectivas diferentes como Sara Escorel, Adolfo Sanchez Vazquez, Giovanni Sartori e Frank Cunningham.

Aqui, no entanto, cabe-nos a clareza e a honestidade de que não esgotaremos este assunto, mas faremos uma investigação introdutória para entender a complexidade do termo “democracia” e construir um conceito pertinente ao objeto de estudo que venho desenvolvendo no programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Vila Velha, a saber, “A dança como mecanismo de inclusão social”.

Para tanto, dividimos este artigo, em duas partes. A primeira busca entender o termo democracia com base em alguns dos principais autores apresentados acima e a segunda, construir seu contraponto, que não é apenas a liberdade e a cidadania, mas a superação da desigualdade e aqui, acrescentamos a busca do Estado de Bem-Estar social e a construção cultural do artista-cidadão e o cidadão artista com base no pensamento de Augusto Boal.



Fotografia 11 - Bailarinos de projetos sociais participando de Wworshop com a professora Uruguaia Marlene Lago durante o Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Mario Veloso).

2.1. Democracia: um conceito em construção

Em seu livro: *Convite à Filosofia*, Marilena Chauí (1977) afirma que a defesa da democracia encontra-se no centro do discurso político capitalista e embora o liberalismo e o Estado de Bem-Estar Social (ou Social Democracia) sejam diferentes quanto à questão dos direitos, o primeiro limita os direitos à cidadania política da classe dominante e o segundo amplia a cidadania ao acolher a ideia de direitos sociais, eles são basicamente semelhantes (CHAUÍ, 1997, p. 429-430). Assim, a democracia é:

Reduzida a um regime político eficaz, baseado na ideia de cidadania organizada em partidos políticos e manifestando-se no processo eleitoral de escolha dos representantes, na rotatividade dos governantes e nas soluções técnicas (e não políticas) para os problemas sociais (CHAUÍ, 1997, p. 430).

Vista dessa maneira, a democracia é, de fato, uma ideologia política e que justifica a crítica que lhe fez Karl Marx sobre o formalismo jurídico em que se insere

a ideia dos direitos do cidadão. Desde a Revolução Francesa de 1789, a democracia busca os direitos universais do homem e do cidadão, mas a estrutura da sociedade impossibilita sua existência para a maior parte da população. Assim, a democracia é formal, não concreta. Chauí (1997) diz que:

Uma sociedade – e não um simples regime de governo - é democrática quando, além de eleições, partidos políticos, divisão dos três poderes da república, respeito à vontade da maioria e das minorias, institui algo mais profundo, que é condição do próprio regime político, ou seja, quando institui direitos. (CHAUÍ, 1997, p. 431).

A sociedade democrática institui direitos pela abertura do campo social à criação de direitos reais, à ampliação de direitos existentes e à criação de novos direitos. Com isso dois traços distinguem a democracia, em Chauí, de todas as outras formas sociais e políticas: “A democracia é a única sociedade e o único regime político que considera o conflito legítimo; A democracia é a sociedade verdadeiramente histórica, ou seja, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo.” Para Frank Cunningham (2002),

A maioria dos estudos sobre teoria democrática é organizada ao redor dos seguintes temas: liberdade e igualdade, direitos, tomadas de decisão coletivas, legitimidade, justiça, democracia e assim por diante. [...] (CUNNINGHAM, 2002, p. 10).

Liberdade, igualdade e participação levam a formulação da política democrática como “governo do povo, pelo povo e para o povo”. No entanto, a sociedade democrática se divide em classes sociais, que segundo Aristóteles são: pobres e rico; para Maquiavel: os grandes e o povo; e segundo Marx: classes sociais antagônicas (CHAUÍ, 1997, p. 433).

Num sentido mais pleno, a democracia, para Giovanni Sartori (1994) é “empiricamente verdadeira quando sua aplicação é bem-sucedida, isto é, quando seu funcionamento na prática corresponde ao que a teoria espera ou prevê”. (SARTORI, 1994, p. 21). O critério aceitado por Sartori (1994) para a solução de controvérsias numa sociedade democrática é que “a razão de muitos é sempre a razão certa” (SARTORI, 1994, p. 23).

Segundo Chauí (1997, p. 433), a sociedade democrática trabalha suas divisões através das leis e instituições, no entanto, o capitalismo impõe grandes

obstáculos à democracia, pois o conflito surge da exploração de uma classe pela outra, apesar de sua ideologia defender que todos são livres e iguais.

Em países de capitalismo avançado, as lutas populares ampliaram direitos e diminuíram a exploração dos trabalhadores, principalmente com o Estado do Bem-Estar social. Porém, a consequência foi uma exploração mais violenta do trabalho pelo capital sobre os trabalhadores dos países de Terceiro Mundo, causando assim uma divisão internacional do trabalho, que ao melhorar a liberdade e a igualdade dos trabalhadores de uma parte, agravou as condições da outra. Enquanto nos países capitalistas avançados cresciam, o Estado de Bem-Estar social e a democracia social, no Terceiro Mundo se implantavam regimes autoritários e Ditaduras. (CHAUÍ, 1997, p. 434).

Ainda de acordo com Chauí, com a recessão mundial, o capitalismo sofre mudanças, tornando o direito de igualdade e de liberdade frágeis nos dias atuais. Essa mudança, chamada de neoliberalismo implica no abandono da política do Bem-Estar social e a volta da ideia liberal de autocontrole da economia pelo mercado capitalista, afastando assim, o Estado do planejamento econômico.

O abandono das políticas sociais chama-se privatização, e do planejamento econômico, desregulação. Ambas significam: o capital é racional e pode, por si mesmo, resolver os problemas econômicos e sociais. (CHAUÍ, 1997, p. 434).

Assim, de acordo com Sartori (1994), o ideal democrático não define a realidade e vice-versa; o regime político em questão resulta de interações entre ideais e a realidade. Chauí (1997, p. 434) afirma que,

além disso, o grande desenvolvimento das tecnologias eletrônicas trouxe como consequência, a velocidade da informação e da comunicação e a automação e distribuição dos produtos. Essa mudança vem causando desemprego nos países de capitalismo avançado, movimentos racistas, exclusão social, política e cultural de grandes massas da população. Fenômeno que atinge países do terceiro mundo como o Brasil.

Hoje, com a presença da tecnologia de ponta como força produtiva, o capital pode acumular-se e reproduzir-se excluindo pessoas do mercado de trabalho e de consumo. O Estado de Bem-Estar social, passa a ser suprimido pelo Estado Neoliberal, defensor da privatização das políticas sociais para saúde, educação, transporte, moradia e alimentação.

Na segunda metade do século XX se dá uma nova organização social com a separação entre dirigentes, que são os portadores de saberes e executantes, que não possuem educação científica e tecnológica, apenas executam suas tarefas, sem conhecer suas finalidades e, portanto são considerados incompetentes e destinados a obedecer. Essa nova forma de organização social se propagou nas escolas, no comércio, na agricultura, nos hospitais, nas universidades, nos serviços públicos, nas artes, todos estão separados entre “competentes” que sabem e “incompetentes” que

executam.

Dessa forma, a posse de conhecimentos específicos tornou-se um poder para mandar e decidir, que gerou a ideologia da competência tecnológica. (Chauí, 1997, p. 434-435).

De acordo com Chauí (1997, p. 436) o autoritarismo social e as desigualdades econômicas fazem com que a sociedade brasileira esteja polarizada entre as carências das camadas populares e os interesses das classes abastadas e dominantes, sem conseguir ultrapassar carências e interesses e alcançar a esfera dos direitos. Os interesses tornam-se privilégios de alguns, já que a polarização social ocorre entre os despossuídos e os privilegiados, que por possuírem conhecimentos técnicos e científicos, são os “competentes”, cabendo-lhes a direção da sociedade.

“Como se observa, a democracia, no Brasil, ainda está por ser inventada”. (CHAUÍ, 1997, p. 436). A arte e a dança podem contribuir nesse processo?



Fotografia 12 - Cesar Augusto e Ricardo Reis dançando o I Ato do Ballet A Bela Adormecida no Festival Internacional de Dança de Rio das Ostras. (Fonte: Arquivo particular).

2.2. A arte da dança como forma de autoconhecimento para a construção de cidadania e manifestação da democracia

“O artista é a antena da raça”, pois protagoniza em sua arte as mudanças sociais e o processo de constrição da sociedade. Na educação emancipadora de Paulo Freire, ela forma um cidadão consciente, crítico e participativo, capaz de compreender a realidade em que vive. A ação cultural e educativa da Arte tem como objetivo a preparação do jovem para a vida plena da cidadania, buscando a formação de cidadãos que possam intervir na realidade, podendo ser considerada como um instrumento de transformação social.

Segundo Débora Barreto o ensino da arte da dança é importante porque a dança é uma expressão artística e:

propicia o autoconhecimento e conhecimento dos outros, bem como a expressão e a comunicação, através de diálogos verbais e corporais; estimula vivências da corporeidade, incentivando a expressividade; proporciona relacionamentos estéticos com outras pessoas e com o mundo, promovidos pelo fazer artístico; sensibiliza as pessoas, contribuindo para que elas tenham uma educação estética, estimulando relações mais equilibradas e harmoniosas ante o mundo, desenvolvendo a apreciação e a fruição da dança. (BARRETO, 2004, p. 101).

A dança é um fenômeno que sempre se mostrou como forma de expressão humana, seja como forma de lazer ou artística. É um canal de comunicação através de diálogos corporais e verbais que torna possível o autoconhecimento e o conhecimento sobre os outros e a comunicação entre as pessoas.



Fotografia 13 - Larissa da Silva em aula do Professor Franco e Vita no ABT em Nova Iorque. (Fonte: Arquivo particular).

Boal nos diz que o artista é capaz de ver conjuntos onde analogias unificam os desiguais. “[...] revela aquilo que as palavras confundem, as imagens escondem e os sons ensurdecem”. (BOAL, 2009, p. 106). Ainda segundo o autor:

A dança e arte em movimento. Como em outras artes, tem forma de convencimento compulsivo, imobilizando espectadores vulneráveis que aceitam como seus os pensamentos e emoções dos personagens. Uma doce forma de lavagem cerebral, reposição ideológica e implantação de ideias. No entanto, a dança, como toda forma de criação artística, pode ajudar a enriquecer a nossa sensibilidade e a nossa inteligência. A arte cria expectadores que nela se veem, refletidos, seja em sua solidão ou na luta de classes. A contemplação admirativa pode servir de estímulo e levar à ação de transformação da realidade. Os artistas, populares ou eruditos, revelam unicidades escondidas pela simplificação da linguagem que as nomeia e pelos sentidos que as agrupam. Essa dinâmica de percepção nunca se imobiliza, assim como amores se conquistam e se perdem durante a vida, e ao domínio que sobre elas possamos alcançar (BOAL, 2009, p. 106).



Fotografia 14 - Larissa na sua sala de aula. (Fonte: Arquivo particular).

O teatrólogo brasileiro Augusto Boal nos diz que o pensamento sensível que a arte e cultura produzem é essencial para o cidadão, para libertação dos oprimidos, pois amplia e aprofunda sua capacidade de se conhecer. Boal (2009, p. 16), acentua que:

Só com cidadãos que, por todos os meios simbólicos (palavras) e sensíveis (som e imagem) se tornam conscientes da realidade em que vivem e das formas possíveis de transformá-la, só assim surgirá, um dia, uma real democracia.

Segundo Boal (2009), no mundo real em que vivemos, os opressores usam a arte, a cultura e controlam todos os meios de comunicação como: a palavra (jornais, escolas...), a imagem (fotos, filmes, televisão...), o som (rádios, CDs, shows musicais...), para produzir uma analfabetização e uma anestesia a fim de programar os cidadãos à obediência não contestatória e à falta de criatividade (BOAL, 2009, p 18).

Dessa forma, diz que “nós cidadãos, antes de tudo somos artistas por vocação ou profissão, e temos que entender que só através da contracomunicação, da contra-cultura-de-massas, do contradogmatismo; só a favor do diálogo, da criatividade e da liberdade da produção e transmissão da arte, do pleno e livre

exercício das duas forma humanas de pensar, (pensamento sensível e pensamento simbólico) só assim será possível a liberação consciente e solidária dos oprimidos e a criação de uma cidade democrática” (BOAL, 2009, p.18).

[...] Não basta consumir a cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. [...] Ser humano é ser teatro: ser humano é ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação (BOAL, 2009, p. 18).

“Política não é a arte de fazer o que é possível fazer, mas sim, a arte de tornar possível o que é necessário fazer” (BOAL, 2009, p. 18).



Fotografia 15 - Larissa da Silva, 1o. lugar com seu solo classico infantil Brincante no Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Mario Veloso).

Ao buscarmos tecer um conceito tão complexo quanto “democracia”, podemos observar que tal investigação implica o entendimento filosófico da moral, da ética, da liberdade, da ação cultural neste caso, pela arte da dança. Assim, para que uma sociedade seja declarada democrática, não basta apenas o exercício da representação política, mas a necessária transformação cultural que promova a liberdade. Dessa forma, a reflexão aqui proposta, serve como introdução ao tema e aponta as seguintes colocações: 1. A democracia é a única sociedade e o único regime político que considera o conflito legítimo; 2. A democracia é a sociedade

verdadeiramente histórica, isto é, aberta ao tempo, ao possível, às transformações e ao novo.

Portanto, pensar a arte e a dança como mecanismos de transformação cultural, política e social, implica reverter uma lógica produtivista que vê as pessoas com meros objetos e engrenagens de uma máquina. Transformar a sociedade, para Augusto Boal, é muito mais imperativo do que viver nela, quando impera a injustiça, a exploração e a opressão.

A dança pode proporcionar este reencontro do cidadão com o artista que existe dentro de si através de um movimento que Paulo Freire nomeou por conhecimento crítico do mundo, ação cultural para a liberdade. Entendo como artista, que obra e criador não estão separados, portanto, ao me colocar neste texto, me coloco no problema central da democracia, ao buscar entendê-la em suas matrizes filosóficas e sociais para, a partir daí, expressar o desejo e a necessidade da liberdade.

10 CIDADES
A GAZETA LARANJA, 1º DE JUNHO DE 2013

TALENTO

A bailarina Larissa agora sonha em dançar nos Estados Unidos

A menina foi aprovada para cursos em Miami e Nova York, mas família não tem dinheiro

— **RENATA LACERDA**
Nascida e redigida com br

O balé sempre foi o sonho da estudante Larissa da Silva Araújo, de 11 anos. É ela e sua família não medem esforços para conseguir realizá-lo. Há quase 5 anos, ela enfrenta quase quatro horas de viagem e seis ônibus para sair de Porto de Santana, em Canacica, onde mora, e dançar na Praia da Costa, em Vila Velha, onde conseguiu uma bolsa em uma escola de balé.

Tanto esforço valeu a pena. Larissa acabou de ser aprovada para fazer cursos intensivos de balé nos Estados Unidos, no Miami Ballet e no American Ballet Theatre, em Nova Iorque, uma das escolas mais disputadas e desejadas por bailarinos no mundo todo.

Agora, a família humilde luta para conseguir recursos para Larissa viajar. “Ela sempre pediu para fazer balé, desde pequeninha. Ela só faz aula porque tem bolsa, mas o meu salário é praticamente só para pagar os custos com transporte e apresentações. Balé é considerado algo de elite, é tudo muito caro”, contou a mãe de

Larissa, a vendedora Maria Luzia da Silva, 45.

DISPOSIÇÃO

A avó, a aposentada Maria Penha da Silva, 70, é quem leva Larissa para o balé todos os dias. São aulas das 17h às 20 horas. Larissa tem aulas de balé na turma da sua idade e também com as meninas mais velhas. E ainda tem disposição para fazer aulas de jazz.

“Ela já até ganhou medalha dançando. Enquanto eu puder, eu vou levar minha neta para dançar. É o sonho dela. Mas tenho medo de ela não conseguir ir e ficar muito decepcionada. É muito caro, tem passagem, comida e hospedagem para pagar”, conta a avó.

Larissa começou a dançar aos 6 anos, em Porto de Santa. Em quatro meses a professora notou o talento da menina e a levou para a escola em Vila Velha, onde ela passou no teste e ganhou bolsa integral.

“Eu gosto de dança e não fico cansada, já me acostumei. Tenho muitos amigos no balé. Meu sonho é ser professora de balé e o curso é uma oportunidade única”, conta.

Os cursos acontecem de 15 a 26 de julho em Miami. E de 19 de julho a 10 de agosto em Nova Iorque. Larissa foi aprovada para os cursos através de vídeos e de testes realizados em Goiânia, em Goiás.

“Ela só faz aula porque tem bolsa. Meu salário é para transporte e apresentação”
— **MARIA LUZIA DA SILVA**
MÃE DE LARISSA

“Enquanto eu puder, vou levar minha neta para dançar. É o sonho dela”
— **MARIA PENHA DA SILVA**
AVÓ DE LARISSA

“Meu sonho é ser professora de balé, e o curso é uma oportunidade única”
— **LARISSA DA SILVA ARAÚJO**
ESTUDANTE

Larissa começou a dançar aos 6 anos, em Porto de Santa. Em quatro meses, professora já notou talento



Fotografia 16 - Recorte jornalístico (Fonte: A Gazeta).

A arte e a dança estimulam e ser humano a retratar sua própria realidade com todos os seus conflitos, desejos e contradições. Essa possibilidade contribui para o autoconhecimento, despertando nos seus sentimentos o sentido do “viver em grupo” e a crítica a um sistema neoliberal que apaga as capacidades criativas e criadoras do ser humano. O cidadão que se descobre artista, e o artista que tem consciência do ser cidadão, têm o papel de intervir na sua realidade. A mudança que tanto desejamos, está e sempre estará nas mãos, nos gestos, nas falas e nos atos capazes de engendrar novos movimentos que busquem a inclusão. Chegou a hora de transformar com a dança!

3. DO SONHO À REALIDADE



Fotografia 17 - Sonho realizado (Fonte: Arquivo particular).

No terceiro e último capítulo passamos a investigar pessoas que estejam ou já estiveram ligadas a algum projeto social que promova a efetiva utilização da dança como fator de promoção da inclusão social. Para tal, reunimos recortes jornalísticos, vídeos e entrevistas. A resposta comum a todos os entrevistados que nos propusemos a investigar: “dança e amor”, confirma as palavras de Augusto Boal apresentadas no primeiro capítulo. Segundo ele,

Amar é uma forma de arte e o amante sempre tem algo de artista. [...] O amor, assim como a arte, não oferece nenhuma estabilidade; portanto, da mesma forma que devemos cultivar a arte com amor, o cultivo do amor é uma arte. (BOAL, 2009, p.18).

Mary Ellen Aparecida da Silveira, aluna da Aces e bolsista na Escola Dançar, quando perguntada sobre o que a faz continuar fazendo aulas de dança, respondeu: “Acho que é o amor que eu sinto. Eu sinto que na dança eu posso expressar meus sentimentos”.

Manoely Soares Correia, de 18 anos, bailarina da Cia. Pequenos Talentos

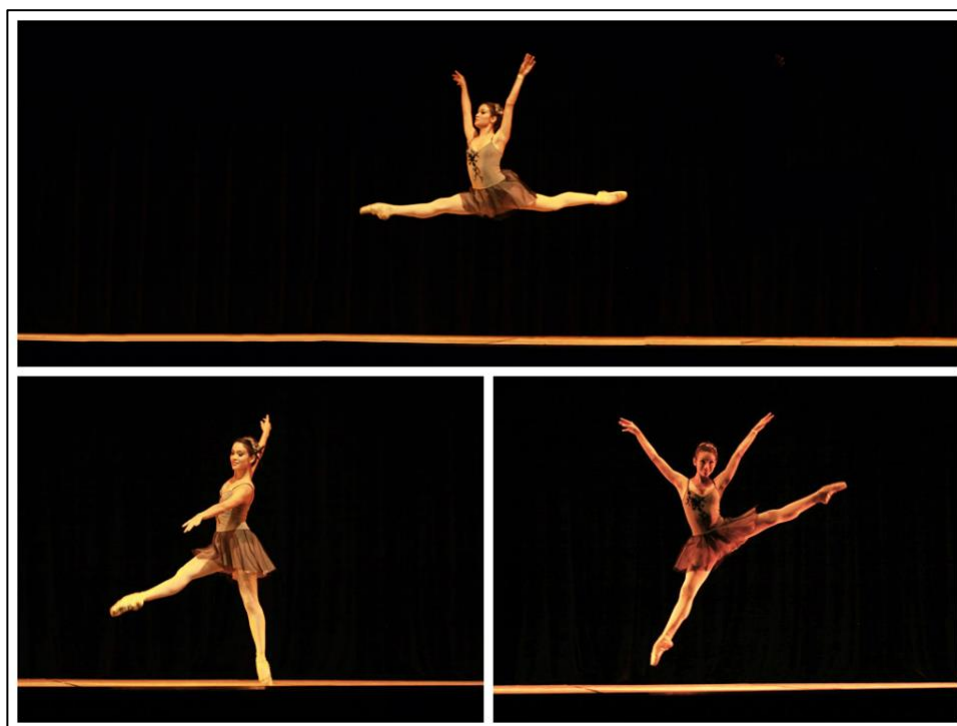
da Aces, também falou de seu amor pela dança:

O meu amor pela dança foi crescendo cada dia mais e hoje esse amor não cabe no meu peito. Para nos bailarinos, cada dia é um obstáculo diferente e minha alegria é maior quando todos eles são vencidos.

O entrevistado Willian Furtado Nunes de Souza, 22 anos, que está a nove anos e meio no ballet clássico, afirma por que continua a fazer ballet até hoje: "Porque eu amo".

Para a entrevistada Larissa Alves Trigueiro, de 17 anos, aluna do Projeto Pequenos Talentos da Aces e bolsista na Escola Dançar em Vila Velha, o que a faz continuar a fazer aulas de dança após seta anos e meio: "Ah, e muito amor! Esse amor vai aumentando cada vez mais."

Já para a bailarina Erica Rodrigues, Aluna bolsista em escola particular em Vila Velha, a dança é uma profissão. "A dança é tudo na minha vida, desde que eu acordo até a hora de ir dormir!"



Fotografia 18 - A bailarina Erica Rodrigues apresentando seu solo In Time no Festival Internacional de Dança de Goiás (Fonte: Mario Veloso).

Investigar a dança como uma política pública de cultura capaz de promover

o desenvolvimento e a inclusão social nos grupos sociais menos favorecidos nos pareceu desafiador e inequívoco. De acordo com respostas colhidas nas entrevistas, pudemos perceber que não há dificuldade de acesso às aulas de dança. Além dos muitos núcleos espalhados pelos bairros mais carentes que oferecem vagas para todos os interessados, muitas escolas particulares de dança oferecem bolsa de estudos.



Fotografia 19 - Larissa da Silva na aula de encerramento do curso de verão 2013 do AAB em Nova Iorque (Fonte: Arquivo particular).

Percebemos a existência de projetos sociais que se desenvolvem a cada dia, dando oportunidade a muitos estudantes de dança, como a Aces, Ação Comunitária do Espírito Santo. Desenvolvido desde 1997 pela Aces, o projeto Pequenos Talentos atende diariamente nos oito núcleos cerca de 400 crianças e adolescentes a partir de 7 anos, residentes em bairros de periferia da região da grande Vitória, estudantes da rede pública de ensino. As atividades desenvolvidas no projeto favorecem a ampliação das escolhas pessoais e profissionais de cada beneficiário.

O Projeto Pequenos Talentos da Aces, concilia educação e cultura, através da arte cênica, proporcionando conhecimentos culturais e técnicos. É um projeto que visa a garantia dos direitos da criança e adolescente, sendo uma opção de prevenção do envolvimento de seus participantes com a criminalidade, com o trabalho infantil, a prostituição infanto-juvenil e as drogas. O conjunto de trabalho que é desenvolvido contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e ativos socialmente, capazes de transformar a sua realidade.

Com o presente estudo, conseguimos evidenciar alguns aspectos acerca da perspectiva dos bailarinos e professores de dança, participantes de projetos sociais. Quando se esperava ouvir: “quero ser bailarina profissional e dançar no exterior”, para minha surpresa, a resposta dada pela maioria dos entrevistados foi de que o seu sonho era cursar uma universidade de Dança e ser professor. Num país como o nosso, onde essa profissão é tão pouco valorizada, a entrega da vida a Dança e mesmo um ato de amor! Mary Ellen também acha que deveria existir um curso superior de dança no ES. Ela afirma que: “Acho porque ali também as pessoas poderiam continuar sua carreira e fazer o que eles gostam, porque muita gente desiste por causa disso, por falta de oportunidades”.

A entrevistada Izadora Cassiano Nascimento nos contou sobre suas expectativas antes de começar as aulas: “Eu achava que ia ser uma coisa boa que eu ia conseguir e estou laate hoje. Eu achava que eu ia viajar, dançar com roupas lindas, conhecer muitas pessoas.” Ainda afirmou que suas expectativas foram alcançadas em apenas 6 meses de ballet em uma escola particular: “[...] eu estou laate hoje, conheci muitas pessoas, já dancei no teatro, ja viajei com minha professora para o Chile”.



Fotografia 20 - Izadora Nascimento participando de curso de verao em Santiago de Chile (Fonte: Arquivo particular).

Para Luzia da Silva Araújo, mãe da estudante Larissa da Silva Araújo, de 12 anos, que pega dois ônibus todos os dias para ir ao ballet e já realizou o sonho de dançar nos Estados Unidos, “o ballet atinge uma pequena parcela da população, acredito porque os custos são muito altos.” Ela conta que sua filha foi aprovada em todas as audições que participou para cursos no exterior, recebe convites à todo momento, já recebeu até dos Studios Hollywood, e mesmo com a bolsa que ela tem em escola particular de ballet, não consegue aproveitar todas as oportunidades por falta de políticas públicas mais efetivas, que ajudem também estudantes, já que os projetos da Secretaria de Cultura do Governo do ES contemplam apenas bailarinos profissionais.



Fotografia 21 - Na janela do ônibus, Larissa sonha com as ruas de Miami e Nova Iorque (Fonte: Leandro Nossa - G1/ ES).

A bailarina Manoely Soares Correia, que já é bailarina e professora com apenas 18 anos, afirmou que seu plano é: “viver com a dança, sair do país, ajudar minha família com uma coisa que eu gosto e que sinto prazer em fazer”.

A maioria das pessoas que pratica ballet é do sexo feminino. A única dificuldade que eu encontrei foi o fato de todos os entrevistados considerarem a frequência maior das mulheres na dança, devido ao preconceito, a cultura do nosso país, ou a falta dela... Larissa Trigueiro afirma já ter visto muito preconceito com os homens na dança,

E porque eles pensam: ai, vai entrar no ballet e vai virar gay e essas coisas,

mas na verdade não tem nada a ver. Acho que isso é um problema cultural do nosso país. Acho que é uma coisa do Brasil porque não tem nada a ver homem dançar e principalmente, homem tem que ser homem para dançar.

Para Mary Ellen, existe preconceito sim, “[...] especialmente no ballet, e aquela coisa que o homem nasceu para o futebol...mas esta mudando”. O bailarino profissional Cesar Augusto concorda que: “sempre o número de mulheres foi maior acho que pelo fato da grande maioria associar o ballet a algo feminino”.

Apesar de todo o preconceito, Cesar Augusto Ferreira, e 34 anos, percebeu no ballet uma oportunidade de carreira profissional. Quando perguntado se suas expectativas com a dança foram alcançadas ele responde:

Sim, consegui ter uma carreira de sucesso porque aprendi muito a dança me educou em todos os sentidos, tudo que tenho foi através da dança apesar de ter começado a dançar tarde.



Fotografia 22 - Cesar Augusto, partner da bailarina Laisa Coelho, no Pas de Deux A bela Adormecida. (Fonte: Arquivo particular).

Cesar segue afirmando que para ele “ballet significa muita coisa e sinto algo que não consigo explicar deixei tudo para me dedicar ao ballet”.

Glheison Ricardo Alves dos reis, continua no ballet ate hoje, após 18 anos e meio. Ele nos contou que:

Eu continuo fazendo e dando aulas de dança hoje por saber que todo aquele colorido, toda aquela alegria da dança que eu via na tv era verdade, foi amor ao primeiro passo (risos).



Fotografia 23 - Ricardo Reis dançando com Ligia Araujo, também bolsista, o Pas de Deus de A Escrava e o Mercador no Festival Internacional de Dança de Rio das Ostras (Fonte: Arquivo particular).

Para ele, “expectativas foram e são alcançadas a cada dia, porque a dança e o sorriso da minha alma.” Ele ainda disse ao ser perguntado por que pararia de ministrar aulas de dança: “porque na certa eu não teria mais vida.”

Larissa da Silva, de apenas 12 anos, que pega dois ônibus todos os dias para ter aulas de ballet em uma escola particular em Vila Velha, acredita que todo o esforço vale a pena para dançar. O ballet tem levado Larissa a lugares que ela, menina de família simples, jamais poderia sonhar em conhecer.



Fotografia 24 - A bailarina Larissa da Silva posa para fotos no Miami Ballet. (Fonte: Arquivo particular).

Wally Rafael Bernardo viu sua vida mudar após fazer uma oficina de teatro e ter contato com bailarinos do Ballet Guaçuí. Recebeu convite para entrar no grupo de dança e com apenas seis meses apresentou-se no Festival Internacional de Dança de Cabo Frio. Hoje Wally também das aulas de dança e não precisa mais

trabalhar como pedreiro.



Fotografia 25 - Wally Rafael Bernardo. (Fonte: Divulgação Gazeta online).



Fotografia 26 - Wally Rafael Bernardo e Maria Gabriela Machado. (Fonte: Divulgação Gazeta Online).

Cesar Augusto Ferreira, após desistir do trabalho como embalador de padaria, precisou de apoio para dar os primeiros passos no mundo do ballet. Hoje, o professor se dedica a formar novos talentos.



Fotografia 27 - Cesar se realiza dando aulas. (Fonte: Gabriel Lordelio GZ).

Tantos e tantos são os caminhos que nos levam ao encantamento pela vida e pela dança. O que nos faz calar e o que nos leva a expressar em voz, som, gesto, vibração, ritmo, emoção... os movimentos de nossa vida, as nossas histórias? Como disse a entrevistada Erica Rodrigues: “Tudo, tudo envolve a dança na minha vida, desde a hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir.” A bailarina Larissa Trigueiro afirma: “Nossa, pra mim era aquela caixinha de música com a bailarina perfeita e eu queria ser igual a ela”. Perguntada sobre o que o ballet significa na sua vida, Mary Ellen respondeu que:

Ai meu Deus...ballet pra mim eu acho que é tudo assim, e uma parte da minha vida que eu amo, e adoro praticar, adoro dançar, adoro viajar, e é algo que eu posso expressar tudo que eu estou sentindo e acho que também quando a gente entra na aula, a gente tem que esquecer tudo pra lá, esquecer os problemas. E é isso, ballet é um amor, o amor da minha vida!

Vivenciar a dança como elemento de integração de pessoas que vivem, dividem, coordenam os projetos sociais, os sentimentos expressos, as palavras verbalizadas, as expressões e impressões externadas, individual e coletivamente, foi o trabalho realizado nesta dissertação.

Ler, contar, recontar, interpretar, escutar, reinventar histórias..., seja

reescrevendo-as, desenhando-as, cantando-as, dançando-as... Interpretar e reinventar jeitos e trejeitos em cada gesto, cada ritmo, construir, vivenciar, compartilhar sentimentos, personagens, cenários, emoções foi o grande jogo realizado nesta dissertação.

Construir e descobrir a autoimagem individual e coletiva, buscando a elevação da autoestima, o acreditar em si mesmo e no grupo, a busca de superação de obstáculos por meio do desenvolvimento da capacidade de análise e a superação das desigualdades, o compromisso e a vontade de crescer por meio do interesse e participação nos projetos sociais e o desafio enfrentado pelos integrantes do projeto.

Para Izadora Cassiano Nascimento, a arte tem modificado a sua vida: “Tem transformado a minha vida em muito melhor. Antes eu saía da escola e ficava em casa sem fazer nada, agora eu tomo meu banho e venho pro ballet., Estou mais comprometida”. Segundo ela, “A dança te afasta das drogas, da rua, e leva o pobre a se relacionar com outras pessoas mais ricas, com mais cultura e ainda te leva a viajar e conhecer outros países”.



*Fotografia 28 - Izadora no encerramento do curso de verão realizado no Chile.
(Fonte: arquivo particular).*

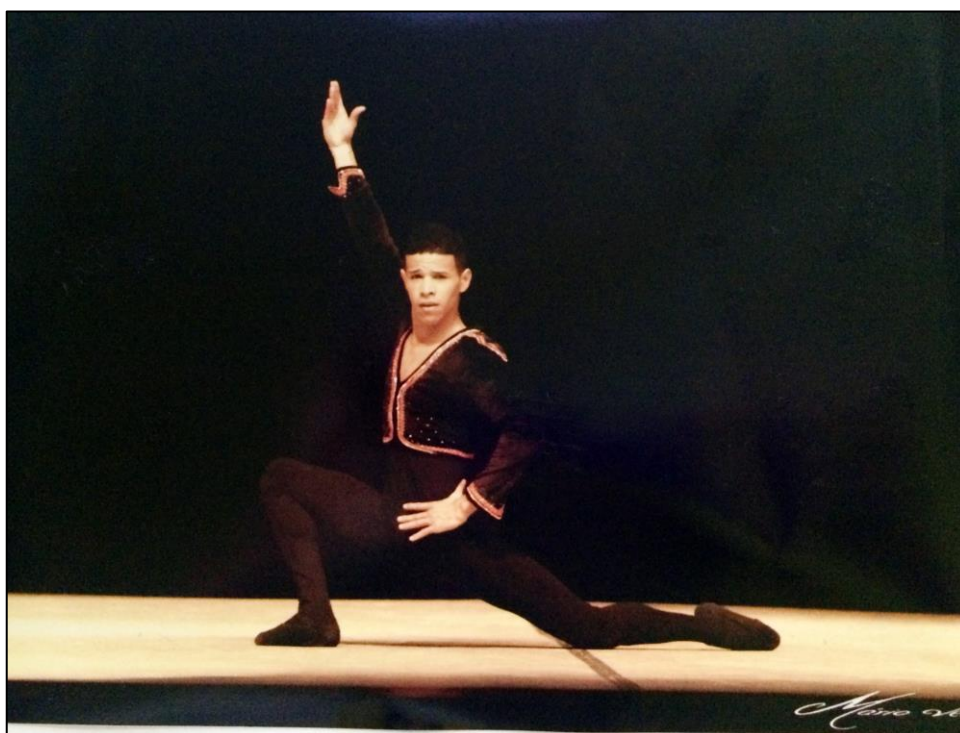
Larissa Trigueiro também comentou como a dança tem proporcionado

mudanças em sua vida:

Cada dia mais porque a dança pode mostrar um caminho que pode não ser o ruim, mas sim o lado bom da vida também, mostrando que a pessoa não precisa mexer com drogas ou violência, mas sim ter uma nova oportunidade com a dança.

Willian Furtado concorda que a dança pode transformar a vida das pessoas. Ele afirma que: “a dança me livrou de virar bandido, se não fosse a dança eu estaria traficando, teria virado bandido, porque tem histórico na família...a dança salvou minha vida”.

Para ele, a dança pode trazer novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano: “Com certeza, e uma experiência própria. A dança imita a vida.”



Fotografia 29 - Willian dançando Dom Quixote no Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Mário Veloso).

O bailarino e professor Glheison Ricardo Reis, que descobre talentos no interior do Estado do Espírito Santo, como o pedreiro Wally Dutra, também afirmou que:

A dança transformou minha vida, me deu profissão, fez de mim quem eu sou hoje profissionalmente, por isso eu danço, quero mostrar para as

pessoas ao meu redor o quanto isso é bom.



Fotografia 30 - Ricardo Reis e Thais de Luca dançando o Pas de deus Carnaval em Vezena. (Fonte: arquivo particular).

Larissa Trigueiro diz:

Não sou uma menina mal humorada. A dança me traz essa alegria. Eu saio de uma aula toda feliz porque fiz uma aula. As vezes eu saio meu chateadinha porque não consigo fazer algumas coisas, mas já anima.

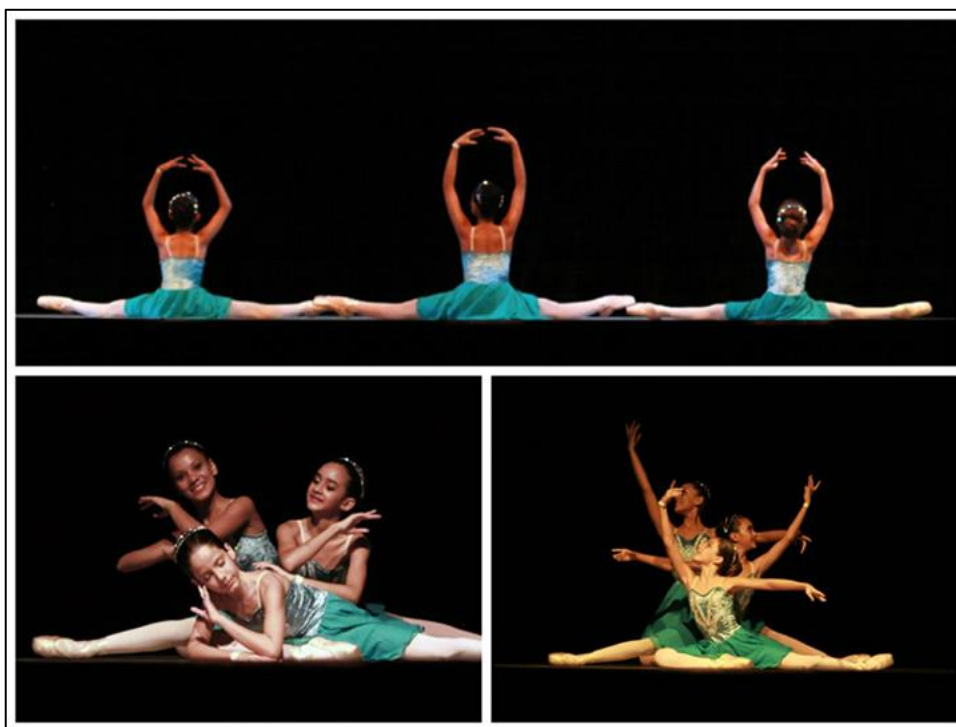
ManoelySoares afirmou que: “a dança me deu força de vontade de crescer na vida, me fez ter caráter honestidade, disciplina”.

Trabalho, jogo, desafio, sonho... fantasia... difícil saber se estamos falando do cotidiano desses participantes ou das histórias dos ballets que que dançamos. Realidade - fantasia: o jogo possibilitando transitar de uma dimensão a outra sem constrangimento, enfrentando os medos, as angústias e sem receio de ser feliz, mas também, entendendo que o papel assumido, agora, como bailarino, ou como integrante de um grupo de dança é o de estudar muito... muito... sempre. Aprofundar o conhecimento de si mesmo e saber integrar-se e viver melhor em grupo, conhecer as mais variados ballets e selecionar com capacidade crítica aqueles com que mais se identifique, para encantar outras crianças, outros adolescentes, outros jovens, outros adultos, conseguindo despertar em cada um deles (o público) imagens,

sentimentos, emoções que lhes permitirão ser como o bailarino, mais que plateia, um coautor das histórias.

A atuação desses novos bailarinos, seja na escola onde dançam, seja nos teatros, festivais, concurso de dança, poderá de certa forma intervir na realidade enfrentada no cotidiano das escolas de dança, onde encontramos tantas dificuldades para a formação de bailarinos, coreógrafos e professores de dança, cidadãos capazes de reinventar, gestos, palavras, sons, riscos e rabiscos de forma crítico-propositiva.

Izadora Cassiano Nascimento afirma: “eu me expresso através da dança e me sinto mais livre quando eu danço.” Para Cesar Augusto Ferreira, “[...] a pessoa se realiza se sente mais livre”.



Fotografia 31 - Larissa, Izadora e Maria Alexandra dançando o trio O Sonho dos Anjos em Goiania (Fonte: Mário Veloso).

O caráter educativo dessa atividade em nosso entendimento foi demonstrado na análise e crítica das situações vivenciadas pelo grupo, no trabalho de criatividade, da superação do medo e na coragem de expor o que se pensa, sente, espera... esses são os frutos colhidos pelos participantes desses projetos. Além disso, a dança nos ajuda a controlar nossas emoções.

Larissa Trigueiro diz que a dança te prepara para a vida.

Não é fácil enfrentar uma plateia, um palco... não é fácil não! Dá aquele nervosismo, mas depois que acaba eu penso: ah, eu quero mais! Eu queria mais! São poucos minutos mágicos no palco que faz a gente crescer!



Fotografia 32 - As bolsistas Evelyn Viguini e Larissa Trigueiro se divertindo na exposição de grafites, durante o Festival Internaional de Dança de Goiás, para mostrar que a dança esta em todor lugar! (Fonte: arquivo particular).

Assim sendo, entendemos que os participantes podem vivenciar na prática, os princípios básicos da convivência humana, com condutas que lhes possibilitam se expressar em situações reais, nas quais podem demonstrar a sua capacidade de autonomia, tanto na escolha de seus ballets, quanto na composição de suas coreografias, assumindo a sua narrativa e os personagens que a compunham, com a capacidade de analisar e eleger valores, emoções, sentimentos que deveriam ser ou não realçados, no ato da apresentação da história, de forma consciente, usando de sua liberdade de interpretação e composição coreográfica. Completando essa ideia, Willian Furtado diz que “o objetivo é falar com o corpo.”

A maior surpresa durante as entrevistas, foi observar que os participantes de projetos sociais com dança e os bolsistas de escolas particulares, de tão inseridos,

não se percebem como tal. Com exceção de Larissa Trigueiro que afirmou

Sim, eu vivo essa experiência na Aces. Na Aces o objetivo é realizar o sonho dos bailarinos que eles promovem esse jeito de igualar todo mundo, eles dão essa oportunidade para quem quer correr atrás e que não tem condições financeiras para pagar uma aula de ballet...as roupas caras, sapatilhas...as viagens, e é muito bom porque tem as apresentações, turnês e isso é uma oportunidade que a gente não teria, pois custa muito caro.

Todos os outros entrevistados afirmaram que não usam ou não conhecem ninguém que use a dança como instrumento de inclusão social. A entrevistada Maria Luzia da Silva Araújo, mãe da bailarina Larissa da Silva Araújo, que faz ballet a cinco anos e meio como bolsista em escola particular, afirmou que não conhece nenhuma experiência que usa da dança para promover a inclusão social afirmou que: “A dança nos torna todos iguais”. Isto simboliza o pleno exercício da cidadania.

O acolhimento destes participantes em um ambiente de respeito à pluralidade sócio-cultural, respeitando-se suas diferenças, identificando e trabalhando suas dificuldades e potencialidades, tendo atenção aos problemas de convivência, enfrentando-os de frente, evitando preconceitos e rótulos, em nosso entendimento poderá contribuir na construção de pessoas que atentem para o respeito mútuo na convivência coletiva, e que tenham o diálogo como princípio básico na resolução de problemas e, que busquem a justiça e a solidariedade como princípios de convivência em grupo, que lutem por seus direitos e promovam a cidadania. Para Gilheison Ricardo “em todos os sentidos a dança promove a união dos povos”. Cesar Augusto Ferreira afirma que “a dança consegue ser tudo ao mesmo tempo”.

A dança surpreende sempre a quem se dedica a ela com amor, seja como aluno ou professor. Ao perguntar a Cesar Augusto Ferreira se gostaria de deixar alguma coisa importante registrado ele respondeu:

Ludmila voce foi algo muito importante na minha vida que me marcou muito vc foi uma das pessoas que abriu as portas para que eu conseguisse o que hoje tenho deus te usou muito obrigado.



Fotografia 33 - Cesar brilha, ao lado da bailarina LArissaZani, nos palcos de Joinville. (Fonte: arquivo particular).

Cesar Augusto veio de Belo Horizonte a pedido de um amigo bailarino que temos em comum, na tentativa de ajuda-lo, pois passava por muitas dificuldades. Cesar foi aluno, bailarino, partner e professor durante anos no Ballet Ludmila Machado. Ganhou diversos prêmios, inclusive de melhor bailarino em festivais como Joinville e Mercosul. Sou eu quem agradeço!



Fotografia 34 - Premios conquistados pelo grupo de bolsistas no Festival Internacional de Dança de Goiás. (Fonte: Arquivo particular).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na finalização deste texto, sugerimos que os princípios acima possam ser explorados e reapropriados por novos autores, que atuam junto a dança brasileira, com legitimidade, valorizando o interesse público através do trabalho, como educadores e bailarinos que defendem o direito à vida em todas as suas formas de expressão. Ao nosso ver, para tanto, será necessário que a dança ouse se livrar de amarras históricas que oprimem a liberdade dos indivíduos, que, travestidas de discurso científico, trazem uma falsa sensação de segurança, que costuma se desmontar ao se enfrentar a realidade social extremamente adversa.

Para a Dança, nesta nova perspectiva e espaço de intervenção social, talvez seja necessário aprofundar concepções até então pouco discutidas em nossa área, tais como o entendimento de democracia e cidadania. De fato, neste mundo pretensamente moderno, de tantas graças e desgrças, a Dança vem sendo usada como objeto de inclusão social e merece investigação científica rigorosa e comprometida, uma vez que se apresenta como uma esperança para recuperação de todos os que julgamos fora de seu convívio.

Como pudemos observar, as emoções vivenciadas através da Dança formam a maneira de operar da inteligência, abrem e fecham caminhos para possíveis consensos a serem estabelecidos na vida cotidiana e para nos, somente o amor amplia a visão na aceitação própria e do outro, a partir das condições em que se vive e expande as possibilidades de um fazer mais inteligente.

Pensamos que o professor deve compreender a importância da afetividade na vida dos bailarinos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, e com isso, a escola de Ballet assume o papel de desenvolver o aspecto social e emocional de cada aluno. Pois, nós seres humanos, nos desenvolvemos e interagimos com o mundo no qual estamos inseridos, por intermédio do exercício de nossa afetividade e da nossa intelectualidade e nos, como artistas, podemos instigar um olhar de enxergar a libertação na dança.

Ao observarmos a natureza podemos notar alguns passados voando, e ao atentar para a sua ideologia. Podemos ver como esses passados se organizam; talvez não exista uma liderança única. Podemos observar a presença ameaçadora

de um gavião tentando abordar. Esses passados se organizam para conseguir frutas, e para se proteger dos predadores, e por mais que o movimento deles seja muito rápido, num raio de 50 km, não ha nenhuma colisão.

Será que nessa nova liderança de trabalho com um líder único, com tecnologia de informação, de comunicação, será que não existe uma maneira melhor de pensar pra gente atender nossos objetivos ao observar a natureza?

Nós precisamos, nesse novo paradigma, que permite que haja novos atores no mercado, trabalhar juntos e aprender a colaborar, precisamos de apoio dos bailarnos e sobretudo dos não bailarinos.

Precisamos do apoio de todas as entidades de classes como: Prefeituras, Secretaria de Cultura, Governo Estadual e Federal, Câmara Setorial da Dança e todos os órgãos envolvidos com a Dança a nível estadual e nacional.

Podemos ter muita desigualdade social, poucas oportunidades ainda, mas a característica principal do brasileiro e o otimismo, e a forca e a garra, com criatividade nós poderemos retomar a nossa capacidade inclusiva.

Precisamos sobretudo de suas sugestões, precisamos de suas ideias, para construirmos um ambiente de Arte e Dança saudável e vigoroso. Talvez a liderança como a gente vê nesses pássaros, aonde parece que não existir liderança, talvez no mundo moderno do século 21, talvez a gente não possa prescindir de liderança, talvez a gente tenha que aprender a trabalhar com várias lideranças que interagem, conectem, troquem informações pra que a gente possa alcançar o objetivo comum: usar, de fato, a arte da dança como instrumento de desenvolvimento e inclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Frede (no prelo). A interface da capoeira e dança. 2007.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. Temas de Filosofia. 3. ed. rev. São Paulo: Ed. Moderna Ltda., 2008.
- BAMBIRRA, Wanda. Dançar & Sonhar. Belo Horizonte: Del Rey, 1993.
- BARRETO JR., Irineu Francisco. Políticas públicas e Sociais e superação de desigualdades: uma revisão teórica. CSON-Line Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Juiz de Fora, ano 2, v. 8, Agosto de 2008.
- BARRETO, Débora. Ensino, Sentidos e Possibilidades na Escola. São Paulo: autores associados, 2004.
- BOAL, Augusto. A Estética do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora GaramondLtda, 2008.
- BOBBIO, Norberto. Igualdade e liberdade. 2. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
- BRASIL - Ministério Da Cultura. Plano da Secretaria da Economia Criativa
- BRASIL - Ministério Da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação física Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- BRASIL – Ministério da Justiça. Constituição Federal, 1988.
- CASTEL, Robert. As Metamorfoses da Questão Social, Uma Crônica do Salário. Segunda Parte: do Contrato ao Estatuto, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Editora Ática. 1997.
- CLAXTON, Mervyn. Cultura, desenvolvimento e o papel do teatro. In: Mudança de Cena, O uso do teatro no desenvolvimento social. Rio de Janeiro: Editor Paul Heritage, 1999.
- CUNNINGHAM, Frank. Teorias da democracia: uma introdução crítica. Debates contemporâneos. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- DUARTE, Jr., João Francisco. Porque arte educação? 6. ed. São Paulo: Ed. Papyrus, 1991.
- SCOREL, Sarah. Vidas ao Léu: Trajetórias da Exclusão Social. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

GIL, Antonio Carlos. Como Elaborar Projetos de Pesquisa. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2010.

GRUPO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES DA AÇÃO AFIRMATIVA - GEMAA. (2011). "Ações afirmativas". Disponível em: <HYPERLINK "http://gemaa.iesp.uerj.br/paginas/acoesafirmativas" http://gemaa.iesp.uerj.br/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=1&Itemid=217">. Acesso em: 29 mar. 2013.

GUIMARÃES, Raul B. et. al. Sistema de informação para tomada de decisão municipal. Presidente Prudente: Relatório de Pesquisa Fase II – FAPESP, Programa Políticas Públicas, 2003.

JAPIASSU, Hilton. Interdisciplinaridade e Patologia do Saber. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda., 1976.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura, um Conceito Antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LEFF, Enrique. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2006.

MARSHALL, Thomas H. Cidadania, classe social e status. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MORIN, Edgar. A cabeça feita. 19. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil Ltda, 2011.

NERUDA, Pablo. Cem sonetos de amor. 1959.

ORIXÁS EM FESTA. Disponível em; HYPERLINK "http://www.vetorial.net/~rakaama/te-texto4.htm" http://www.vetorial.net/~rakaama/te-texto4.htm>. Acesso em 10 abr. 2013.

PORTAL DOS ORIXÁS. Disponível em: HYPERLINK "http://www.orixas.com.br/index.php/o-que-e-orixa" http://www.orixas.com.br/index.php/o-que-e-orixa>. Acesso em 10 abr. 2013.

SATORI, Giovanni. Teoria da Democracia Revisitada, A – Vol. 2 – Ed. 1. São Paulo: Editora Ática, 1994.

SECCHI, L. Políticas Públicas: Conceitos, Esquemas de Análise, Casos Práticos. São Paulo: CENGAGI Learning, 2010.

SOUZA, Celina. Políticas Públicas; uma revisão da literatura. Porto Alegre: Sociologias, ano 8, nº 16, jul/dez 2006.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL, disponível em: <HYPERLINK "http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=206023"www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=206023">. Acesso em: 30 de mar. 2013.

VÁZQUEZ, Adolpho Sánchez. Ética. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1978.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

ACES, Ação Comunitária do Espírito Santo: Projeto Pequenos Talentos. Disponível em: <http://www.aces-es.org.br/_new/projetos/projeto-pequenos-talentos>. Acesso em: 21 set 21013.

A GAZETA. Disponível em: <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2013/09/noticias/cidades/gazeta_online_sul/1461438-com-tijolos-e-sapatilhas-ele-mostra-seu-talento.html>. Acesso em: 21 set. 2013.

A GAZETA. Disponível em : <http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2013/09/noticias/cidades/1461522-de-embalador-de-padaria-a-professor-de-bale-cesar-hoje-coleciona-premios-na-danca.html>. Acesso em: 22 set 2013.

ANEXO I

RELATOS JORNALÍSTICOS 1: A BAILARINA LARISSA SONHA EM DANÇAR NOS ESTADOS UNIDOS



Foto 1 - Larissa executa movimentos com maestria nas aulas (Fonte: Leandro Nossa - G1/ES).

Desde pequena, Larissa Araújo aprendeu que não há limites para buscar e realizar seu maior sonho. A menina de 11 anos quer ser bailarina profissional e, para isso, junto com a sua avó, pega três ônibus para ir de Porto Santana, em Cariacica, até Praia da Costa, em Vila Velha, onde faz suas aulas de jazz e balé. O esforço de quase quatro horas diárias dentro de um ônibus começa a dar frutos. Larissa foi selecionada e ganhou uma bolsa para realizar cursos em grandes companhias de dança de Miami e Nova York e terá a oportunidade de se apresentar no famoso palco de Broadway.



Foto 2 - Avó e neta esperam no ponto (Fonte: Leandro Nossa / G1 ES).

Para Larissa, não há cansaço em sua rotina de estudos pela manhã e balé a tarde e a noite. “Vale a pena. Eu amo dançar e sonho com isso sempre”, disse a pequena. O talento para o balé, segundo a avó Maria da Penha Silva, vem desde cedo. “Ela era criancinha e já falava em dançar, adorava balé, e a gente a incentivava a dançar e via que ela tinha talento”, contou a avó.

A prática do balé, no entanto, exige investimentos financeiros. As roupas e mensalidades das aulas não cabem no bolso da família de Larissa. Devido ao talento desenvolvido em um projeto social de Cariacica, a menina conseguiu uma bolsa em uma escola de dança de Vila Velha. O local fica distante de sua casa e, para chegar até lá, é preciso pegar três ônibus para ir e mais três para voltar. Nem isso desanimou a menina.

LARISSA, DE 11 ANOS, SAI DE CARIACICA PARA IR ATÉ SUA AULA, EM VILA VELHA. BAILARINA GANHOU BOLSA PARA FAZER CURSO DE DANÇA NOS ESTADOS UNIDOS



Foto 3 - Larissa e sua avó (Fonte: Leandro Nossa - G1/ES).

Era necessário então que alguém a acompanhasse até as aulas. Como sua mãe e seu pai trabalham fora, a avó, de 70 anos, assumiu a função de fiel escudeira da neta. Todos os dias, de segunda a sexta-feira, ela leva Larissa até a aula. “Mesmo quando chove a gente vai. Nunca faltamos uma aula. É um grande sonho para ela, que me dá muito orgulho”, relatou Maria da Penha.

A mercê do transporte público, Larissa fica aflita no ponto de ônibus. Um atraso do coletivo altera toda sua rotina. “Já perdi pedaços de algumas aulas por causa dos ônibus, mas como faço três aulas, nunca perco ela toda”, falou a menina.

SONHO COM O EXTERIOR

Moradora de bairro carente, a possibilidade de viajar e dançar fora do país nunca passou pela cabeça da criança. “Nunca tinha pensado nisso, mas agora que tenho a chance fico sonhando com isso sempre. Lá deve ser tudo bonito, as ruas, casas, prédios. É um sonho”, disse.



Foto 4 - Larissa da Silvano Miami City Ballet School (Fonte: Arquivo particular).

Larissa, duas meninas capixabas e uma chilena, alunas do Ballet Ludmila Machado, embarcaram para os Estados Unidos no dia 15 de julho. Lá, passaram 11 dias maravilhosos em Miami e 15 em Nova York, com muitas aulas de dança e novas amizades.

“Ficamos sabendo da seleção em cima da hora e era preciso gravar um vídeo dançando e fazer uma apresentação em Goiânia. Fizemos tudo, e conseguimos a aprovação das meninas. De cara, o diretor do Miami Ballet ficou encantado com a

Larissa”, apontou a professora de dança Ludmila Machado.

A professora de Larissa conseguiu apoiadores que bancaram os custos da viagem.

DEDICAÇÃO E SONHOS

De acordo com a professora, o potencial de Larissa a impulsiona para vôos mais altos. “Dançar não é só executar passos. É um amor que vem de dentro, e isso ela tem. Essa é uma grande oportunidade. Além do curso e das apresentações, ela pode ser vista por olheiros e receber convites. Sem dúvida, tem um futuro. Brilhante e um enorme potencial”, concluiu.



Foto 5 - Na janela do ônibus, Larissa sonha com as ruas de Miami e Nova Iorque (Fonte: Leandro Nossa / G1 ES).

Assim que chega para a aula, Larissa coloca a sapatilha e corre para o salão. Os olhos ficam vidrados na professora e ela repete cada passo. A admiração pela professora faz com que ela nutre um outro sonho. “Quando eu crescer também vou querer ser professora de professora de dança”, conta Larissa.

Após três horas de aula, avô e neta caminham para o longo trajeto de volta. Na cabeça, os Estados Unidos e a sensação de dever cumprido. “Dançar é muito bom, vale a pena”, disse a menina.

ABT AMERICAN BALLET THEATER - NEW YORK



Foto 6 - Larissa ansiosa para seu primeiro dia no ABT / NY – (Fonte: Arquivo pessoal).



Foto 7 - Larissa da Silva Araújo (Fonte: Arquivo pessoal).



Foto 8 Larissa na sua sala de aula (Fonte: arquivo pessoal).

NOVAS AMIZADES



Foto 9 - Larissa e suas novas amigas chinesas. (Fonte: Arquivo pessoal).

ENCERRAMENTO - AUTÓGRAFO DO DIRETOR E PROFESSOR FRANCO DE VITA, PRINCIPAL ESTRELA DO ABT

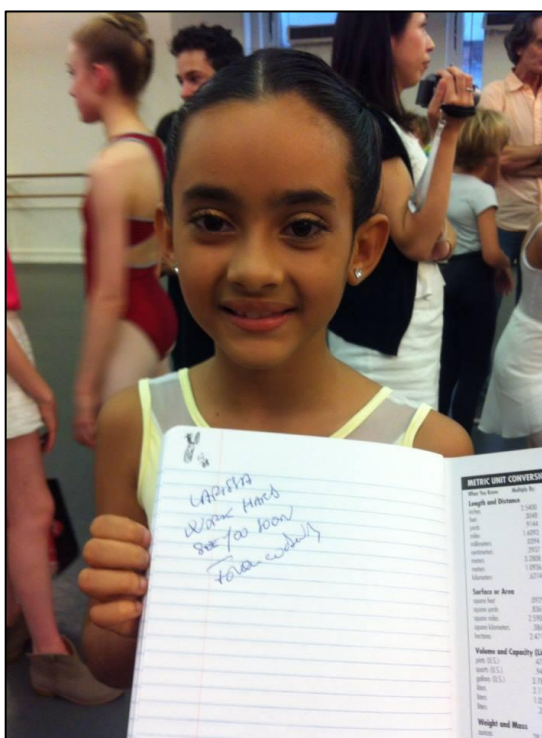


Foto 10 - Feliz com a dedicatória do Maestro Franco de Vita. (Fonte: Arquivo pessoal).



Foto 11 - Larissa da Silva Araújo e Franco de Vita. (Fonte: Arquivo pessoal).

SONHO REALIZADO



Foto 12 - Sonho realizado. (Fonte: Arquivo particular).

ANEXO II

RELATOS JORNALÍSTICOS: COM TIJOLOS E SAPATILHAS, ELE MOSTRA SEU TALENTO

Pedreiro vira bailarino e agora recebe convites até do exterior

O que cimento, tijolos e tinta têm a ver com sapatilhas, collant e meia-calça? Absolutamente nada. Mas todos esses objetos fazem parte da rotina de Wally Rafael Bernardo, de 19 anos. O jovem é pedreiro e bailarino clássico em Guaçuí, no Caparaó Capixaba. O talento foi descoberto por acaso e é tamanho que Wally foi convidado a fazer apresentações fora do país, com uma companhia norte-americana.



Foto 13 - Wally Rafael Bernardo e Maria Gabriela Machado (Fonte: Divulgação).

Em canteiro de obras, Wally, de 19 anos, dança com a bailarina Maria Gabriela. Ele foi descoberto por companhia artística de Guaçuí

A história de Wally assemelha-se com a de muitos brasileiros. De família humilde, filho de pais separados, ele começou a trabalhar aos 13 anos em uma lavoura de café para conseguir sustentar-se, no sítio dos avós, no interior de Ibatiba, no Caparaó.

“Eu acordava às 5h todos os dias e andava 2,5km para fazer a colheita no alto do morro. Descia no fim da tarde correndo muito para alcançar o ônibus e ir para a escola, à noite”, conta o jovem.

A rotina puxada durou três anos, mas ele acabou abandonando os estudos no 2º ano do ensino médio. Na tentativa de retomar e concluir a vida escolar, o rapaz foi morar com a mãe na cidade vizinha, Ibitirama. Porém, deparou com uma realidade não muito mais fácil e teve que arcar com as despesas da casa, onde vivia com a mãe e três irmãs menores. “Na cidade, não tem lavoura. Então, fui trabalhar como ajudante do meu tio, que é pedreiro.”

TALENTO

As coisas começaram a mudar na vida do bailarino quando ele se mudou com o tio para Guaçuí. Participando, por curiosidade, de uma oficina de teatro, entre uma obra e outra, ele teve contato com alunos do Ballet Guaçuí, que o convidaram para fazer uma aula. “Eu não sabia nada de balé, mas disseram que eu tinha jeito. Fiz as aulas, gostei e não parei mais. Eu, que fazia balé nas horas vagas, agora dedico oito horas do meu dia à dança”, disse.

O diretor artístico da companhia, Glheison Reis, que também é coreógrafo e professor, surpreendeu-se com o desempenho e com a evolução de Wally. “Ele conseguiu um feito difícil. Com apenas seis meses, apresentou-se no Festival Internacional de Dança de Cabo Frio, em setembro passado, e saiu-se muito bem. Descobrir esse talento em uma pessoa que trabalha com obras é muito diferente e valioso”, afirmou.

Neste ano, a ContempoPhysical Dance, de Minnesota, nos Estados Unidos, convidou o pedreiro para passar 20 dias na companhia, aperfeiçoando o aprendizado e se apresentando em espetáculos, a partir de janeiro. Mas o sonho de se dedicar exclusivamente ao balé está ameaçado. Wally precisa comprar as passagens para conseguir viajar. “Estou ansioso e preocupado. Na academia, sou

bolsista e recebo muita ajuda do professor e da diretora, que até as minhas sapatilhas compram. Não tenho dinheiro para sair do país”, lamenta.



Foto 14 - Wally Rafael Bernardo (Fonte: Divulgacao)

“Não sabia nada de balé. Fiz as aulas, gostei e não parei mais. Agora, dedico oito horas do meu dia à dança”, conta Wally Bernardo

INVESTIMENTO EM NOVOS BAILARINOS

Wally Bernardo não é o primeiro talento descoberto pela companhia Ballet Guaçuí. Entre outras histórias destacam-se as de João Pedro Soares, de 16 anos; e Amanda Barros de Souza, 19, ambos também bolsistas. Ele foi selecionado para integrar o Ballet Bolshoi, em Santa Catarina, e ela foi convidada a participar da Cia Brasileira de Ballet, no Rio de Janeiro. e deve apresentar-se em Israel neste ano. De acordo com Gilheison Reis, diretor artístico da companhia, apesar de ter poucos recursos, a escola investe na formação de novos bailarinos. “Alunos da rede pública pagam menos, e sempre selecionamos alguns mais carentes para dar bolsa. Quem mantém o projeto é a Movimento Academia, que cede o espaço e faz todo o trabalho físico

dos meninos. Alguns alunos são 'adotados' por empresários, pais e professores, mas falta quem patrocine o projeto em si", disse. A companhia tem dez anos de atividades e atualmente conta com 120 alunos, inclusive crianças. A empresária Rita de Cássia Valadares, idealizadora do projeto, ressalta a importância do incentivo à arte. "Para muitos, a companhia é uma chance única. Imagino se alguns desses meninos não estariam abandonados ou envolvidos com droga caso não existisse a dança em sua vida. É uma oportunidade de trilharem caminhos diferentes". Para Glheison, que também iniciou a carreira como bolsista, dar chance a crianças carentes é o melhor investimento. "Sabemos que o balé não é uma dança tão popular. E aqui encontramos muitas crianças que são extremamente pobres financeiramente, mas riquíssimas em talento."

Fonte: A Gazeta

ANEXO III

RELATOS JORNALÍSTICOS: DE EMBALADOR DE PADARIA A PROFESSOR DE BALÉ, CÉSAR HOJE COLECIONA PRÊMIOS NA DANÇA.

Ele precisou enfrentar a falta de apoio e o preconceito para dar os primeiros passos no mundo do balé. Hoje, o professor dedica a formar novos talentos.

"Eu nunca tinha visto dança, até minha família se mudar de Contagem, interior de Minas Gerais, para a capital mineira, Belo Horizonte. Meu avô sofreu um acidente cardiovascular e precisava de cuidados.

No bairro onde fomos morar havia grupos de dança de rua, projeto voluntário de um professor que um dia foi bailarino. Foi com ele, aos 13 anos, que comecei a estudar jazz. No mesmo estúdio comunitário, aos 16 anos, assisti pela primeira vez, em um vídeo, a uma apresentação de balé.

Fiquei encantado, e decidi procurar uma escola. Ao final da primeira aula, mesmo sem saber os passos, consegui uma bolsa de estudos. O meu interesse cativou os professores.

Na época eu jogava futebol juvenil no Cruzeiro, trabalhava como embalador em uma padaria e estudava à noite. Abandonei tudo para ter um horário escolar regular e me dedicar ao balé. Assim teria um futuro na dança que descobri amar.

Foram tempos difíceis. O preconceito era grande na escola e no bairro. Em casa também não contava com o apoio da família. Não por preconceito, mas porque precisavam do apoio financeiro do único filho homem, dos cinco que tiveram.

Vivíamos numa região de periferia, rodeados pela violência. Perdi muitos amigos para as drogas. Havia dias onde faltava dinheiro até para a passagem. Muitas vezes chorei, pensando se tinha feito a escolha certa.

Minha situação mudou quando fui aceito em uma companhia de dança em Belo Horizonte. Passei a ser remunerado e pude ajudar a minha família.



Foto 15 - Cesar se realiza dando aulas (Fonte: Gabriel Lordêllo – G1)

Hoje César dá aulas de dança para crianças, jovens e adultos

Com a companhia fiquei por dois anos, conheci vários estados e países. Mas a falta de patrocinadores levou à demissão de vários bailarinos e voltou a mudar minha vida.

Passei a ser bailarino freelancer e, quando não tinha trabalho, catava lata na rua, vendia Tele Sena, picolé. Mas nunca deixei de dançar.

Um dia decidi sair de Minas e vir para Vitória. Vendi um videocassete para pagar a passagem. Tinha 20 anos. Por indicação de um amigo comecei a dar aulas numa escola de dança, onde também morava.

Fui crescendo e, em 2002, com 22 anos fiquei em 1º lugar num solo de balé clássico profissional, no Festival de Dança do Mercosul, no Rio de Janeiro. Foi o primeiro de muitos prêmios, onde representei o Espírito Santo em eventos internacionais.

Hoje sou casado com Martha, temos um filho de dois anos e cinco meses, o Theo. Há três anos abrimos nossa escola, em Laranjeiras, na Serra. Um dos nossos alunos foi selecionado para ir para uma companhia de dança de Chicago, nos Estados Unidos. Sou motivo de orgulho para minha família e a prova de que se deve lutar pelos sonhos.” .

ANEXO IV

RELATOS JORNALÍSTICOS: ACES – AÇÃO COMUNITÁRIA DO ES: PROETO PEQUENOS TALENTOS

Desenvolvido desde 1997 pela Aces, o projeto Pequenos Talentos atende diariamente nos oito núcleos do Projeto Pequenos Talentos cerca de 400 crianças e adolescentes a partir de 7 anos, residentes em bairros de periferia da região da grande Vitória, estudantes da rede pública de ensino. As atividades desenvolvidas no projeto favorecem a ampliação das escolhas pessoais e profissionais de cada beneficiário.

Os núcleos estão distribuídos em Vitória, nos bairros São Benedito, Santo Antônio e Ilha de Santa Maria; em Serra, nos bairros Novo Horizonte, Feu Rosa e Vila Nova de Colares; em Cariacica, em Vila Palestina e em Vila Velha, em Vale Encantado, sediados em entidades parceiras como associações, igrejas e escolas.

O projeto conta também com um Grupo Avançado de Balé, que ensaia diariamente na sede da Aces, no Centro de Vitória. Podem participar do grupo adolescentes de 13 a jovens de 20 anos, que se destaquem em seus núcleos de origem. Atualmente o grupo conta com 14 bailarinos.

Com 14 anos de existência, o Pequenos Talentos tem em sua trajetória conquistado grandes premiações em festivais e mostras de dança, bem como realizado grandes espetáculos locais. A proposta do projeto é valorizar a cultura, levando a arte tanto para grandes teatros da capital, quanto para teatros menores de cidades do interior do Estado, oportunizando a população, assistir a um espetáculo que na maioria das vezes, é de acesso elitizado.

Durante o período de participação no projeto, os alunos, além do aprendizado da dança, participam de atividades para conhecimento de técnicas em cenografia, figurino, sonoplastia, iluminação, interpretação, bem como grupos de vivência e encontros com temas diversos, acompanhamento escolar e atendimento psicossocial.

O Projeto Pequenos Talentos concilia educação e cultura, através da arte cênica, proporcionando conhecimentos culturais e técnicos. É um projeto que visa a garantia

dos direitos da criança e adolescente, sendo uma opção de prevenção do envolvimento de seus participantes com a criminalidade, com o trabalho infantil, a prostituição infanto-juvenil e as drogas. O conjunto de trabalho que é desenvolvido contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e ativos socialmente, capazes de transformar a sua realidade.

O Projeto Pequenos Talentos: O Balé ao Alcance de Todos é desenvolvido pela Ação Comunitária desde o ano de 1997.

Suas atividades são realizadas em 08 núcleos, distribuídos em 04 municípios da Região da Grande Vitória e conta com turmas preliminares, primeiro e segundo ano, atendendo cerca de 400 beneficiários diretos. Possui ainda atividades direcionadas a um grupo específico composto por 20 alunos mais avançados tecnicamente e provenientes de tais núcleos, denominado atualmente Grupo Pequenos Talentos.

Objetivo Geral

Buscar pela via da cultura e em especial das artes cênicas, com foco na democratização da dança, o desenvolvimento pessoal e social de crianças, adolescentes e jovens.

Objetivos Específicos

Desenvolvimento escolar de crianças, adolescentes e jovens;

Incentivar a formação e a profissionalização em artes cênicas;

Contribuir para a formação cidadã dos bailarinos;

Promover o desenvolvimento de atividades artísticas e culturais a públicos diversos;

Democratizar o acesso ao público espectador gratuitamente.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

Aula de balé nos turnos matutino e vespertino;

Oficina de Construção do conhecimento – Acompanhamento escolar;

Acompanhamento psicossocial;

Circulação do Espetáculo “As Quatro Estações de Vivaldi”.

Espectáculo de 2012 dos bailarinos dos núcleos e da "Companhia de dança Pequenos Talentos" – Teatro Carmélia.

RESULTADOS OBTIDOS 2012

2.112 aulas de balé, ministradas para 380 bailarinos;

982 Oficinas de Construção do Conhecimento ministradas para 380 beneficiários;

07 reuniões de pais realizadas com 99 familiares;

18 atendimentos psicossocial individual;

05 apresentações do Espectáculo "As Quatro Estações de Vivaldi" já realizadas.

Sendo que serão 20 apresentações durante toda a turnê.

1.558 Pessoas (público espectador atendido nas apresentações da turnê).

ANEXO V

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: LARISSA DA SILVA ARAÚJO

Programa de Estudos Pós-Graduação em Sociologia Política – UVV-ES

Pesquisa para Dissertação de Mestrado:

Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.

Aluno: Ludmila Rodrigues Machado

1. Identificação do Entrevistado

Nome | Larissa da Silva|

Instituição|| Ballet Ludmila Machado / Escola Dancar|

E-mail | _____|

Telefone | _____|

Data da entrevista | 14 | 05_| 2014 _____|

Instruções:

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Larissa de Silva Araújo, 12 anos, bailarina / estudante, moro em Porto Santana, Cariacica.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?)

A, e uma coisa que eu gosto de fazer. Eu sou aluna, vou a festivais e participo de viagens.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Foi a coisa mais maravilhosa na minha vida, eu fiquei muito alegre. Foi no meu bairro, lá perto de casa. Tipo, era uma escolinha de creche, tinha ballet e outros esportes. foi em 2007. esta foi a primeira vez que ouvi falar de ballet em minha vida.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|_5_| anos e |_5_| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Foi o meu primo. Quando eu vi ele no palco dançando ai...eu quero estar lá também!

E que eu vi alguns vídeos na internet, ai eu pensei em fazer.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

Ah, e uma coisa...e por causa da minha professora, eu tosto muito dela. E uma também que eu adoro e eu quero levar isso para minha vida toda. Eu quero ser uma bailarina profissional e retornar uma professora.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Eu faço em Vila Velha, na Dançar. Ah porque tem muita gente que e legal aqui e porque a nossa escola, Ballet Ludmila Machado veio pra cá.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Ah que eu ia conseguir fazer tudo. Que o ballet ia me proporcionar alegria, um monte de coisas...viagens, prêmios, roupas de bailarina...

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê?

Foram, pelo trabalho e tudo também...o ano todo.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Pretendo me envolver em outras formas de dança e ser professora de ballet, o que eu sempre quis ser na vida!

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Não ministro aulas de ballet.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitória, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Todas as classes.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES).

Desde pequenininho...ate... quando ficar velho.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Mais mulheres, porque eles dizem que tem muito preconceito com os homens que fazem ballet porque eles falam que o home e gay mas eu não concordo, acho que não tem nada a ver.

19. Ha preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Ah, os dois, não tem diferença, o tanto que eles se esforçam...eu acho fácil.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Ah, eu acho que e mais fácil para o homem porque as movimentação e saltos exigem a forca que o homem tem e para a mulher, ela tem que ter eixo e tudo...mas dai o homem segura a mulher fica bem mais fácil, rss...

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Sim, pra gente aprender mais. Eu quero ser professora.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida).

E dançar, se sentir alegre, fazer um monte de coisas.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Sim, porque as pessoas ficam mais contentes com o que fazem. A dança transforma as pessoas em mais alegres.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

Antes eu não fazia nada a tarde e agora eu faço ballet e dou contende tudo, da escola também.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida da pessoas? Como e em quais sentidos?

Sim, a dança transforma as pessoas em mais alegres, porque ela faz o quer, o que gosta.

26. Você acha que a dança é capaz promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

Eu acho que sim.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Hum...não sei.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão

social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Nao.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim.

30. “ Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Concordo. Mas não sou professora ainda. Esse forma de sentir a dança e como a minha professora passa pra mim.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Me marcaram as minhas apresentações. as viagens que eu fiz para Nova Iorque e Miami que eu fiz para dançar.

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Não.

ANEXO VI

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM MARIA LUZIA DA SILVA ARAÚJO

Programa de Estudos Pós-Graduados em Sociologia Política – UVV-ES

Pesquisa para Dissertação de Mestrado:

Título: Dança, O sangue que core nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.

Aluno: Ludmila Rodrigues Machado

1. Identificação do Entrevistado

Nome |Maria Luzia da Silva Araújo_____|

Instituição |_____|

E-mail | luziasilva.araújo@gmail.com_____

Telefone |__(27)33433567_____|

Data da entrevista |__06 |__maio_____|__2014_____|

Observações:

|_____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Maria Luzia da Silva Araújo, 46 anos, comerciária, Cariacica ES.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?)

Minha filha faz ballet.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Na escola.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|____| anos e |_____| meses

obs: Não faço aula de dança.

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Não faço aula de dança.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

Não faço aula de dança.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Não faço aula de dança.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Não faço aula de dança.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê

Não faço aula de dança.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Não faço aula de dança.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança voce ministra?

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitória, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, Vila Velha, Serra ou Guaçuí)

Uma pequena parcela da população, acredito porque os custos são muito altos.

A maioria que pratica ballet são do sexo feminino.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES)

06 à 15 anos.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Mulheres, porque os homens sofrem muito preconceito.

19. Há preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê

Sim, porque o ballet é visto como uma dança muito feminina

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Na minha opinião é mais fácil para mulher por ela ter mais molejo.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Sim, para que as pessoas que vivem da dança possam se capacitar melhor.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida)

Ballet é um estado de espírito.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Sim.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida das pessoas? Como e em quais sentidos?

26. Você acha que a dança é capaz de promover a cidadania em sentido amplo? Como

e em quais sentidos?

Não sei dizer.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, porque da bolsas de estudo.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Não.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim.

30. “ Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

A dança nos torna todos iguais.

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

No momento não.

ANEXO VII

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: GLHEISON RICARDO ALVES DOS REIS

Programa de Estudos Pós-Graduados em Sociologia Política – UVV-ES

Pesquisa para Dissertação de Mestrado:

Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.

Aluno: Ludmila Rodrigues Machado

1. Identificação do Entrevistado

Nome |Glheison Ricardo Alves Dos Reis |

Instituição |Ballet Guaçuí |

E-Mail |ric_reisdance@Hotmail.Com|

Data da entrevista |01|05|2014|

Observações:

|_____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Glheison Ricardo Alves dos Reis, professor e coreógrafo de ballet clássico atualmente moro na cidade de Guaçuí espírito santo.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? é aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?

A dança hoje é minha profissão, de maneira geral a dança além de ser meu ganha pão é também minha inspiração. Hoje sou professor e coreógrafo participando de vários festivais pelo país a fora.

Aluno?! Também, não é porque sou professor coreógrafo etc., que deixo de ser um aluno rrsrrs... na dança estamos sempre aprendendo algo as vezes com nosso eis professores (que na realidade nunca deixam de ser nossos mestres) outras vezes com nossos próprios alunos, más a verdade é que sempre que estamos fazendo algum curso (somos alunos) e tanto como aluno, professor, ou coreógrafo, temos que estar sempre em estudo

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? quando foi? (essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida). Meu primeiro contato com da dança foi meio engraçado, porque eu estava vendo tv em casa quando passou um anúncio no final do ES TV primeira edição que dizia: a escola de Ballet Renata Pacheco esta oferecendo balsa de dança para rapazes que queiram fazer ballet clássico, e eu não tinha onde anotar o telefone na hora e corri peguei uma calculadora e anotei na calculadora rrsrrs... chegando lá fui muito bem recebido e logo comecei a fazer as aulas, isso a exatamente dezoito anos atrás.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|18| anos e |alguns| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Em minha família eu seria o último a me interessar pela dança, por ser muito tímido, más eu ficava até muito tarde da noite esperando o jornal da globo terminar pra eu poder assistir os ballets que passava (Lago, La File etc...) e eu não gostava de assistir seção da tarde exceto quando tinha aqueles filmes que eram musicais, eu achava aquilo simplesmente lindooooo era um sonho, era colorido e era alegre, então quando vi o anúncio na TV vi naquilo uma oportunidade de viver tudo aquilo que eu via na TV, coloquei a timidez de lado e fui a luta, rsrs.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje? o que me faz continuar fazendo e dando aulas de dança hoje é saber que todo aquele colorido, toda aquela alegria da dança que eu via na TV era verdade, foi amor ao primeiro passo ,rsrs.

7. Onde você faz aulas de dança? por que você faz aula nesse local?

Hoje eu dou aulas de dança na movimento academia uma academia fitness situada na cidade de Guaçuí/ES, trabalho hoje aqui por ser convidado pela proprietária da academia (Rita de Cássia Pereira Valadares)

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (o que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Pois é, rsrs, como eu disse era um mundo colorido e alegre, más para se viver neste mundo tem-se que ter muito trabalho e dedicação, mas confesso que quando eu comecei eu nunca poderia imaginar que a dança fosse ser tão importante em minha vida. a dança hoje me proporciona tudo financeiramente.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? como?

Por quê minhas expectativas foram e são alcançadas a cada dia, porque a dança é o sorriso de minha alma

10. Quais são seus planos em relação a dança? (você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas

com a dança?)

Hoje meus planos na dança e mostrar para outras pessoas que existe sim um mundo mágico e gostoso pra se viver e esse mundo está na dança.

nós alunos, bailarinos e coreógrafos nunca estamos satisfeitos, sempre queremos mais da dança, sempre queremos nos envolver mais nesse mundo maravilhoso criando e transformando passos novos a cada dia.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? que modalidades de dança você ministra? nestes 18 anos de dança já dou aulas a dez anos.

Minha modalidade alfa é o ballet clássico mas também ministro aulas de danças urbanas, jazz dance e joy dance.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

Como eu disse em outras questões acima eu comecei a dançar na renomada escola de ballet Renata Pacheco, mas foi com minha grande mestra (Ludmila Machado) que me formei, foi quem me treinou, foi com quem eu estagiei quem me corrigiu e de certa forma ainda me corrige rsrrr... pois quando tenho uma dúvidazinha corro até ela e ela está sempre pronta pra me ajudar.

A você Tia Lud. meus sinceros agradecimentos.

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

Ainda ministro aulas de dança primeiro porque amo e segundo porque hoje é meu meio de vida.

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

Porque na certa eu não teria mais vida.

Rrsrr, isso parece dramático mas não tenho outras palavras para essa resposta.

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (é esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitória, vila velha, na serra ou Guaçuí).

Comumente os alunos pra quem dou aulas são crianças entre três e dezessete anos, e o que é melhor são crianças sonhadoras, sonhadoras assim como eu foi assim como eu sou, isso é combustível para tornarem-se grandes profissionais não só na área da dança mas em tudo que forem fazer.

16. Que parcela da população o ballet atinge? por quê? (que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, vila velha, serra ou Guaçuí).

O nome já diz ballet clássico, uma coisa que lembra muito a realeza e logo algo muito caro, mas é uma coisa tão boa que não vale apenas privar e deixar somente pra quem tem um poder aquisitivo maior, hoje o ballet clássico na cidade de Guaçuí está ao alcance de todos graças a um projeto social criado por mim e a professora Rita de cássia toda e qualquer criança que estude na rede pública de ensino tem bolsa de ballet clássico no Ballet Guaçuí.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES)

Nossa escola hoje está bem balanceada nossos alunos estão variando entre três e dezessete anos.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? por quê isso?

Hoje aqui no brasil tem muito mais meninas que meninos, isso devido ao grande preconceito ainda existente no ramo da dança.

19. Ha preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Sim, e especificamente no ballet por ser uma modalidade delicadamente delicada, mas isso pra quem assiste, pois para se fazer ballet tem que ser muito mas muito forte mesmo. Mas se continuarmos a mostrar mais sobre esse mundo da dança, vamos sim com certeza acabar com esse preconceito.

20. E mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? por quê?

E mais fácil para ambos desde que queiram aprender.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no es? por quê?

Sim, porque temos que mostrar cada vez mais que a dança é uma profissão, mas uma profissão séria e respeitada e um diploma superior de dança não seria tudo más já mostraria para algumas pessoas que na dança há sim um futuro promissor.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/o que o ballet significa na sua vida)

Essa foi a pergunta mais simples e fácil de responder até agora rrsr... o ballet para mim é uma filosofia de vida.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? por que?

Sim, ballet e dança no geral é saúde é uma terapia de vida.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

A dança transformou minha vida, me deu uma profissão fez de mim quem sou hoje profissionalmente, por isso eu danço quero mostrar para as pessoas ao meu redor o quanto isso é bom.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida da pessoas? como e em quais sentidos?

A dança transforma, transforma seu corpo, seus músculos, sua mente, transforma sua vida, te dá alta estima tira seu mau humor e te traz saúde.

26. Você acha que a dança é capaz promover a cidadania em sentido amplo? como e em quais sentidos?

Sim, em todos os sentidos a dança promove a união dos povos.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? como e em quais sentidos?

Como eu disse nas linhas a cima a dança promove a união dos povos, na dança não existe negro, branco, pobre ou rico na dança existe movimentos em que um, dois, tres, quatro, ou mais pessoas expões seus sentimentos e historias.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania? Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação? Quando foi promovida e em que local? descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

fizemos um aulão onde tínhamos que juntar a terceira idade, o ballet, danças urbanas, pessoas do poder aquisitivo maior e pessoas do poder aquisitivo menos e isso foi um sucesso porque isso promoveu união, inclusão pessoas se interessaram pelos projetos sociais da dança aqui da cidade, a terceira idade foi mais visitada pelos jovens que notaram que os idosos dançam e dançam muito rrsrrr... e isso nos está rendendo bons frutos até hoje e daqui a uma semana estaremos repetindo isso novamente e o que é melhor dessa vez a céu aberto para que mais pessoas possam estar participando conosco.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim, e nós aqui em Guaçuí (cidade do interior) vivemos essas estas emoções a cada dia.

30. “Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Sim concordo, e transmito isso para meus alunos porque sou o que sou hoje profissionalmente falando porque meus professores transmitiram isso para mim.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Tudo neste 18 anos foram marcante em minha vida, cada aula, cada espetáculo, cada viagem, cada prêmio recebido, cada puxão de orelha dos professores e cada elogio também rsrsr...aprendi e aprendo a cada dia, me emociono cada vez que falo sobre dança, as lágrimas rolam em minha face e sinto que são lágrimas de alegria, de gratidão, de emoção, aff..resumindo, eu amo dançar, dançar é tudo em minha vida.

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Está ótimo, adorei participar me emocionar com este lindo questionário.

ANEXO VIII

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: CESAR AUGUSTO FERREIRA

**Programa de Estudos pós-graduação em Sociologia Política - UUV -
Universidade Vila Velha/ES**

**Pesquisa para Dissertação de Mestrado: Dança: O sangue que corre nas veias.
A dança como instrumento para inclusão social.**

Ludmila Rodrigues Machado

1. Identificação do Entrevistado

Nome: César Augusto Ferreira dos santos|

Relação com a Dança

|Bailarino e professor |

Período |1993|

E-mail |edoelmg@yahoo.com.br|

Data da entrevista |04|03|2014|

Informações importantes:

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

Este questionário não tem por fim te avaliar, de forma alguma. Não busca saber quem sabe mais ou menos das questões abaixo.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Por favor responda todas as outras perguntas. Caso você seja professor, por

gentileza, responda a todas as questões.

A pesquisa garante sigilo de sua identidade.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

1.Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Cesar Augusto Ferreira, 34 anos,bailarino e professor moro em Serra.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?)

Atualmente estou atuando mais como professor mas ainda participo de festivais a nível internacional como o festival de dança de Joinville meu envolvimento com a dança e diária dando aulas e ensaios.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Meu primeiro contato com a dança foi quando minha família mudou para belo horizonte quando meu avô sofreu um AVC e precisou de cuidados assim no bairro para onde mudei tinha um grupo de jazz onde comecei a frequentar aulas 1993.

4.Você faz aula de dança à quanto tempo?

21 anos.

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

A principio achei muito bonito depois foi porque vi na dança uma profissão.

6.O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

É algo inexplicável quem dançou em alto nível não consegue ficar sem a dança ou no meio.

7.Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Atualmente em minha escola devido ao tempo.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Tinha a expectativa de que as aulas me desse uma bagagem técnica e artística.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê Sim, consegui ter uma carreira de sucesso porque aprendi muito a dança me educou em todos os sentidos, tudo que tenho foi através da dança apesar de ter começado a dançar tarde.

10. Quais são seus planos com relação a dança? (você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?) sim pretendo criar uma companhia.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra? Ministro aulas de ballet, jazz, dança contemporânea.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

Dando aula e estudando muito.

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

Dançar e dar aulas é o que sei fazer isso repercute nos alunos e isso faz com que nos dedicamos mais ainda e continuar.

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

Só se realmente tivesse que parar.

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitória, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

Quando é homem é porque ele quer fazer ballet mesmo no caso as meninas são mais resolvidas, caso contrario o tipo comum é aquele que quer fazer uma atividade.

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, Vila Velha, Serra ou Guaçuí)

Na grande maioria são pessoas filhos de quem tem o poder aquisitivo alto, mas muito que não tem condições ganham bolsa quando tem talento.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a media de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES)

A faixa etária varia de 03 a 50 anos.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso? Sempre o numero de mulheres foi maior acho que pelo fato da grande maioria associar o ballet a algo feminino.

19. Há preconceito com os homens na dança?

Há um pouco sim.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Acho que igual para os dois.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Sim porque as escolas tem representado muito bem o estado no cenário nacional e internacional da dança.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida)

O ballet surgiu no século XV no período da renascença na Itália posteriormente sendo mais desenvolvido na França no século XVII durante o reinado de Luiz XIV o ballet significa muita coisa e sinto algo que não consigo explicar deixei tudo para me dedicar ao ballet.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Sim por trabalhar com o movimento ele cuida da saúde do ser humano 48. A dança humaniza a alma e o corpo?

24. O que o move frente e arte da dança e como e que a dança tem transformado a sua vida? Com a dança me realizo e me sinto mais livre. Em todos os sentidos a dança me educou eu não sabia nem falar.

25. Você acha que a dança e capaz de transformar a vida das pessoas? Como e em quais sentidos?

Sim, muda a vida da gente em todos os sentidos. Melhora o físico, a saúde, o raciocínio, faz amigos, eleva a autoestima...

26. Você acha que a dança e capaz de promover a cidadania em sentido amplo?

Como e em quais sentidos? Acho que quando eu estou dançando ou dando aulas, eu estou escrevendo a minha história, sou uma pessoa e a dança e meu instrumento.

27. Você acha que a dança e capaz de promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, porque a dança torna todas as pessoas iguais! Hoje, através de projetos sociais e de bolsas em escolas particulares de ballet, quem quiser pode aprender a dançar.

28. Você tem alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania? Em caso afirmativo, quem promoveu e qual era essa ação? Quando foi promovida e em que local? Descreva detalhadamente como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social e promoção da cidadania.

Sim. Estudei em escolas de ballet sempre como bolsista (a maioria das escolas da bolsa para homens). Tive as mesmas oportunidades de dançar, viajar e competir do que quem podia pagar. Me aperfeiçoei, ganhei prêmios e me senti importante por causa do meu ballet.

29. A dança pode levar ao campo e as cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim a dança consegue ser tudo o mesmo tempo

30. “Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Bem quando eu danço e vejo ou ouço algo ligado aos elementos que compõem a dança sinto algo inexplicável sentir e saber transmitir é muito gratificante

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Ludmila você foi algo muito importante na minha vida que me marcou muito você foi uma das pessoas que abriu as portas para que eu conseguisse o que hoje tenho deus te usou muito muito obrigado

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Não.

ANEXO VIX**ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: ERICA RODRIGUES DE SOUZA****Programa de Estudos Pós-Graduação em Sociologia Política – UVV-ES****Pesquisa para Dissertação de Mestrado:****Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.****Aluno: Ludmila Rodrigues Machado****1. Identificação do Entrevistado**

Nome | Erica Rodrigues de

Souza _____|

Instituição | Escola

Dançar _____|

E-mail | s2_erica@hotmail.com |

Telefone | _____|

Data da entrevista | 12 | 05 | 2014 |

Observações:

| _____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para: balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Erica Rodrigues de Souza, 20 anos, sou bailarina, moro em Vitoria.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?

Sou aluna, professora e vou a festivais também.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Tinha 7 anos de idade, sempre morei perto da Fafi, Escola da Prefeitura de Dança e Teatro, e minha mãe me levou para fazer um teste, passei e estou até hoje.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|_13_| anos e |_5_| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Não tinha nenhum motivo, somente porque minha mãe me levou mesmo. Eu nem sabia o que era ballet, somente por alto mesmo.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

O amor e o prazer.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Na Escola Dançar, porque além de ser um lugar que tem boas aulas e um local que tem um clima mais família.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Antes de começar. Nada, eu era muito nova, o que eu esperava ir e fazer uma alinha...se eu gostasse bem...

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê?

Sim, a dança veio se tornando parte da minha vida e meus dias sem a dança eram dias que não valiam tanto a pena.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Sim, e...além de...de ganhar dinheiro dançando, eu, e...estar viajando, gosto de estar dançando em lugares onde pessoas não tem acesso a dança, acho que você emocionar alguém com a dança e mais gratificante do que dançar aonde as pessoas só verem defeitos...

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Ah, eu comecei a dar aulas acho que a uns três anos atrás. Ensino ballet clássico.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

Como eu aprendi? fazendo. Agora estou estudando a metodologia de ensino da Escola Cubana.

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

E o prazer de passar o que foi aprendido.

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

Pra me dedicar a mim mesma.

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitoria, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

Não geralmente o tipo mais comum são os dedicados mesmo, crianças, sempre tem aquelas mais pra frente, mas são a minoria.

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitoria, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Acho que as mais ricas mas as pobres estão conseguindo espaço através de projetos sociais e bolsas em escolas particulares.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES).

De 8 a ...

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Mulheres. Por causa do preconceito.

19. Ha preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Sim, especialmente no ballet por causa da nossa cultura mesmo.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Para a mulher pela delicadeza e pela leveza que já é inato da mulher.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Sim. Porque os professores poderiam nos ensinar mais a dar aulas.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida).

E uma profissão.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Primeiramente por saúde por ser uma atividade física e por profissão também. Acho que dá pra viver da dança.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

Tudo, tudo envolve a dança na minha vida, desde a hora que eu acordo até a hora que eu vou dormir.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida das pessoas? Como e em quais sentidos?

Com certeza, em todos os sentidos, até na escolha de outra profissão para seguir, a dança está envolvida.

26. Você acha que a dança é capaz de promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

Sim. Com certeza, ainda mais hoje em dia que tem tanto ballet contemporâneo, a pessoa pode se sentir mais livre e mostrar seus sentimentos.

27. Você acha que a dança é capaz de promover a inclusão e ascensão social de

parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, através principalmente de bolsas em escolas particulares que oferecem uma nova oportunidade a pessoas de classe mais baixa.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Não.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Com certeza.

30. “Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Sim. E isso que tento passar para os meus alunos.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Nao...

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Não.

ANEXO X**ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: IZADORA CASSIANO NASCIMENTO****Programa de Estudos pós-graduação em Sociologia Política – UVV-ES****Pesquisa para Dissertação de Mestrado:****Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.****Aluno: Ludmila Rodrigues Machado****1. Identificação do Entrevistado**

Nome | Izadora Cassiano Nascimento _____|

Instituição || Ballet Ludmila Machado / Escola

Dançar _____|

E-mail | _____|

Telefone | _____|

Data da entrevista | 16 | 05 | 2014 |

Observações:

Instruções

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da

resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Izadora Cassiano Nascimento, 11 anos, estudante, moro em Laranjeiras, na Serra..

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?)

Eu sou aluna, sou uma bailarina.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Foi na escola, aonde eu more, quando eu era pequena, ha muito tempo.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

Nossa...acho que ha 7 anos!

|_4_| anos e |_5_| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Foi a escola. E euachei a dança muito lindo.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

Porque eu gosto muito da dança e eu quero ficar com ela para sempre.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Em Vila Velha, na Dançar, porque esse lugar é muito bom e eu estou lá com a minha professora que meu deu bolsa de estudos há um ano.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Eu achava que ia ser uma coisa boa que eu ia conseguir e estou lá até hoje. Eu achava que eu ia viajar, dançar com roupas lindas, conhecer muitas pessoas.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê?

Sim. Porque eu estou lá até hoje, conheci muitas pessoas, já dancei no teatro, já viajei com minha professora para o Chile.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Eu quero ser professora profissional e bailarina também.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Não ministro aulas de ballet.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitória, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Acho que atinge os dois, o pobre e o rico, mas sei que o ballet e caro e eu sou bolsista.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES).

Todas as idades, mas e bom checar bem pequena.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Mais mulheres porque tem aquele preconceito de que homem que faz ballet e gay...eu não concordo com isso, conheço bailarinos gays e não gays, acho que a maioria não e gay e isso não tem nada a var.

19. Ha preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Sim, muito. Porque dizem que homem que faz ballet e gay.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Para a mulher porque acho que para mulher e mais delicado, mais fácil; de pegar os passos, mais flexível.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Sim porque seria melhor pra gente estudar porque eu quero ser professora de ballet.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida).

Ballet pra mim é uma coisa que a gente tem que ter delicadeza, e uma coisa boa, e uma coisa que a gente tem que fazer com sentimento, e tem que ter muito esforço, e pra gente conseguir tem que ter muita força de vontade.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Sim, porque você fica mais feliz na sua vida, tipo, antes você não fazia nada de tarde, agora você vai para o ballet, fica alegre, se diverte com as suas colegas.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

Tem transformado a minha vida em muito melhor. Antes eu saía da escola e ficava em casa sem fazer nada, agora eu tomo meu banho e venho pro ballet., Estou mais comprometida.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida da pessoas? Como e em quais sentidos?

Sim. A dança te afasta das drogas, da rua, e leva o pobre a se relacionar com outras pessoas mais ricas, com mais cultura e ainda te leva a viajar e conhecer outros países.

26. Você acha que a dança é capaz promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

Sim, eu me expresso através da dança e me sinto mais livre quando eu danço.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, quando uma escola particular dá uma bolsa pra uma criança que não pode

pagar.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Sim, eu sou o exemplo. Hoje estudo ballet na Praia da Costa, aonde minha mãe não poderia pagar e sou tratada igual a todo mundo.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim, ela da uma esperando, um sonho.

30. “ Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Sim, concordo.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Não, apenas dizer que a minha família me apoia em tudo.

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Não.

ANEXO XI**ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: LARISSA ALVES TRIGUEIRO****Programa de Estudos Pós-Graduados em Sociologia Política – UVV-ES****Pesquisa para Dissertação de Mestrado:****Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.****Aluno: Ludmila Rodrigues Machado****1. Identificação do Entrevistado**

Nome | Larissa Alves

Trigueiro _____|

Instituição || Aces / Escola

Dançar _____|

E-mail | _____|

Telefone | _____|

Data da entrevista | 16 | 05 | 2014 |

Observações:

| _____|

| _____|

| _____|

| _____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da

resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para

HYPERLINK "mailto:balletludmila@hotmail.com" balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Larissa Trigueiro, 17 anos, bailarina / estudante, moro em Carícia.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?).

Eu sou aluna e também assisto festivais como pesquisa e também para me atualizar. Sou aluna na Aces, Ação comunitária do ES - a Cia Jovem, e também na Escola Dançar

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Foi pelo meu primo Eder Rodrigues, que também é bailarino, hoje ele está no Rio de Janeiro. Ele resolveu me colocar no ballet numa igreja, que oferecia aulas em seu salão. Ai ele falou, ah, vou te colocar no ballet, e me colocou e daí em diante virou uma paixão.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

Nossa...acho que há 7 anos!

|_7_| anos e |_5_| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Foi o meu primo. Quando eu vi ele no palco dançando ai...eu quero estar lá também!

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

Ah, e muito amor! Esse amor vai aumentando cada vez mais.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Na Aces eu tive a oportunidade pela audição que eu fiz e também aqui na Dançar pelo professor Everaldo Moulin que me convidou e eu virei bolsista e me interessei muito por isso.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Nossa, pra mim era aquela caixinha de musica com a bailarina perfeita e eu queria ser igual a ela.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê?

Nossa, foi além do que eu esperava! Nossa, porque, tipo, você olhando e um sentimento e você fazendo e outro sentimento completamente diferente.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Sempre! Agora que eu entrei nesse mundo mesmo para valer, porque entrei na Aces e na Dançar e esta tendo essa correria de ensaios que e muito boa...eu quero cada vez mais, quero melhorar, quero seguir em frente!

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Não ministro aulas de ballet.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitoria, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitoria, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Acho que agora esta atingindo igual porque acho que hoje as pessoas estão pensando que o ballet não e so para as pessoas ricas. Eu acho que hoje tem projeto social que da oportunidade para todo mundo que quer dançar.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES).

Acho que mais crianças e adolescentes, mas os adultos e os idosos estão me surpreendendo.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Acho que a maioria são mulheres porque tem relação com o preconceito e tal...mas grafas a Deus isso esta acabando, estou vendo grandes homens dançando.

19. Ha preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Já vi muito. Por que? E porque eles pensam: ai, vai entrar no ballet e vai virar gay e essas coisas, mas na verdade não tem nada a ver. Acho que isso e um problema cultural do nosso pais. Acho que e uma coisa do Brasil porque não tem nada a ver homem dançar e principalmente, homem tem que ser homem para dançar.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Ah, eu acho que e mais fácil para o homem porque as movimentação e saltos exigem a forca que o homem tem e para a mulher, ela tem que ter eixo e tudo...mas dai o homem segura a mulher fica bem mais fácil, rss...

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Com certeza! Acho que tinha que ser bem mais valorizado a nossa dança no Estado No lugar das pessoas irem para fora para estudar e para mostrar a arte que tem poderiam mostrar aqui dentro, ai todo mundo poderia crescer, estudar, dar aulas de qualidade...

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida).

Ballet e minha vida! Uma inspiração que eu tive do meu primo que...nossa, e um vicio também! Não deixa de ser um vicio! E uma coisa boa.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Acho que sim. Ah, como eu vou explicar? Acho que tipo, além da qualidade de vida e saúde financeira, acho que e bom porque saúde mostra como esta sua postura, corrige, e financeira acho que no Estado tem podas oportunidades , mas para fora esta crescendo muito.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a

sua vida?

Não sou uma menina mal humorada. A dança me traz essa alegria. Eu saio de uma aula toda feliz porque fiz uma aula. Às vezes eu saio meio chateadinha porque não consigo fazer algumas coisas, mas já anima.

Ela te prepara para a vida. Não é fácil enfrentar um plateia, um palco... não é fácil não! Dá aquele nervosismo, mas depois que acaba eu penso: ah, eu quero mais! Eu queria mais! São poucos minutos mágicos no palco que faz a gente crescer!

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida das pessoas? Como e em quais sentidos?

Com certeza, Cada dia mais porque a dança pode mostrar um caminho que pode não ser o ruim, mas sim o lado bom da vida também, mostrando que a pessoa não precisa mexer com drogas ou violência, mas sim ter uma nova oportunidade com a dança.

26. Você acha que a dança é capaz de promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

Muitas vezes rola preconceito. Vejo muito preconceito, porque as pessoas chegam pra você e perguntam assim: qual o seu trabalho? E você fala: ah, eu sou bailarina, aí falam: mas isso não é trabalho. E trabalho sim gente! O pessoal de fora trabalha mais com a mente e a gente trabalha mais com nosso corpo, com nosso físico... a gente dá o nosso suor!

27. Você acha que a dança é capaz de promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, a dança é para todos, todos que tiverem coragem e determinação de estarem ali. Todo mundo é igual na dança. Não é ser mais rico ou mais pobre que faz a diferença entre alunos numa aula de dança.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Sim, eu vivo essa experiência na Aces. A Aces o objetivo é realizar o sonho dos bailarinos que eles promovem esse jeito de igualar todo mundo, eles dão essa oportunidade para quem quer correr atrás e que não tem condições financeiras para pagar uma aula de ballet...as riu pás caras, sapatilhas...as viges, e é muito bom porque tem as apresentações, turmas e isso é uma oportunidade que a gente não teria, pois custa muito caro.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim, ela mostra um dia diferente, um caminho novo a seguir.

30. “ Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Sim, ao mesmo tempo que você transmite, você também recebe. Você aprende muito com isso.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Muitas vezes a gente pensa em desistir, mas passo dois dias dentro de casa e já tem vontade de voltar porque o corpo não aguenta, rrr...o mosquito mordeu e o veneno está no sangue!

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Precisa de uma faculdade de dança no Estado!

ANEXO XII

ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Mary Ellen Aparecida da Silveira

Programa de Estudos Pós-Graduação em Sociologia Política – UVV-ES

Pesquisa para Dissertação de Mestrado:

Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.

Aluno: Ludmila Rodrigues Machado

1. Identificação do Entrevistado

Nome | Mary Ellen Aparecida da Silveira _____|

Instituição | Escola

Dançar _____|

E-mail | maryellen_aparecida@hotmail.com

Telefone | _____|

Data da entrevista | 12 | 05 | 2014 |

Observações:

_____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigada!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Maire Ellen Aparecida da Silveira, tenho 18 anos, no momento sou estudante, moro no centro de Vitória.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?)

Eu sou aluna e frequento festivais sempre quando tem, já frequentei Enesdança, Passo de Arte, já dancei em shoppings.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Foi quando eu vi uma repostagem no jornal, estava passando na Praça do Papa, aí minha tia me levou eu gostei e ela me matriculou lá na Fafi.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|_10_| anos e |_5_| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

E mais pelo preparo físico.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

Acho que é o amor que eu sinto. Eu sinto que na dança eu posso expressar meus sentimentos.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Na Escola Dançar, bom eu achei que o ambiente e os professores me agradaram e eu vi a diferença das outras escolas. Eu consegui essa bolsa num dia que eu vim aqui assistir uma aula e o professor me ofereceu uma bolsa.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Bom, no começo eu fiquei muito sem saber se era realmente o que eu queria, mas depois eu vi que eu depois me expressar e me libertar e eu gostei.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê?

Sim, foram alcançadas e acho que ainda estão sendo alcançadas ainda. Eu vim de outra escola, da Fali, aonde eu era bolsista também, e senti a diferença.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Bom, meu sonho é entrar numa companhia e eu quero sair do estado para fazer uma faculdade de dança.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Eu não dou aulas ainda.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitória, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Eu acho que atinge mais as classes altas por questão de dinheiro também, tudo custa caro no ballet, as roupas, as viagens...

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES).

Olha, tem muita gente que começa criança, eu comecei com 8 anos, mas tem muito adulto que também procura o ballet.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Tem mais mulheres. Por causa do preconceito.

19. Ha preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Sim, especialmente no ballet, e aquela coisa que o homem nasceu para o futebol...mas esta mudando.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Eu acho mais fácil pra mulher porque ela tem mais facilidade de flexibilidade, se bem que a dança começou com os homens.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Acho porque ali também as pessoas poderiam continuar sua carreira e fazer o que eles gostam, porque muita gente desiste por causa disso, por falta de oportunidades.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida).

Ai meu Deus...ballet pra mim eu acho que e tudo assim, e uma parte da minha vida que eu amo, e adoro praticar, adoro dançar, adoro viajar, ee algo que eu posso expressar tudo que eu to sentindo e acho que também quando a gente entra na aula, a gente tem que esquecer tudo pra la, esquecer os problemas. E é isso, ballet e um amor, o amor da minha vida!

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Primeiramente por saúde por ser uma atividade física e por profissão também. Acho que dapra viver da dança.

24. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

Assim, além de me proporcionar um físico eu acho que temem, me da mais um motivo para querer crescer e me superar todos os dias. Transformou o meu modo de, ate pensar, porque eu vi a dança eu achava uma coisa bem difícil, ai, depois quando eu vi realmente, eu cai mais pra vida, eu acordei assim.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida da pessoas? Como e em quais sentidos?

Eu acho que sim, e porque tem muita gente que se sente triste, ai quando vem pra uma aula esquece, ou enato quando dança esquece, igual a eu, quando danço, esqueço tudo, só penso na musica, nos movimentos.

26. Você acha que a dança é capaz promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

E uma pergunta meio difícil, mas eu acho que sim. Não sei responder direito, mas eu acho que sim.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Acho que sim, com alguns projetos. Eu conheço várias comunidades que tem projetos que incrementam essas parcelas mais pobres da população.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Não, nunca dei aula.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Eu acho que sim porque, que nem uma pessoa que nunca viu dança vai achar algo diferente e vai querer ver mais. A dança mexe com minhas emoções.

30. “ Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Concordo. Mas não dei aulas ainda. Meu sentimento eu sinto de alegria, aí eu tento transmitir isso quando eu danço.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Assim, porque como eu vim de outra escola a minha técnica está bem ruim e esta escola está me proporcionando o aprimoramento da minha técnica.

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Acho que não, acho que esta bem feito esse questionário.

ANEXO XIII**ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Willian Furtado Nunes de Souza****Programa de Estudos Pós-Graduação em Sociologia Política – UVV-ES****Pesquisa para Dissertação de Mestrado:****Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.****Aluno: Ludmila Rodrigues Machado****1. Identificação do Entrevistado**

Nome | Willian Furtado Nunes de Souza _____|

Instituição | Escola _____|

Dançar _____|

E-mail | willian-furtado22@hotmail.com

Telefone | _____|

Data da entrevista | 12 | 05 | 2014 |

Observações:

| _____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. Estas questões estarão em AZUL.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Willian Furtado Nunes de Souza, 22 anos, sou bailarino, moro em Vitoria.

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?)

Sou bailarino, vou a concurso, festivais e estou trabalhando. Já ganhei prêmio no Passo de Arte em Vitoria e no rio de Janeiro.

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Foi no bairro onde eu moro, num projeto, fiz uma avaliação e passei e hoje estou aqui. Me chamaram pra tá indo ver uma dança e eu gostei e entrei.

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|_9_| anos e |_5_| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Os movimentos que eu achava bonito, a musica.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

Porque eu amo.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Na Escola Dançar, pelo ambiente, pelas pessoas, pela qualidade das aulas, pelas

oportunidades que eu posso ter aqui.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Uma boa resistência, postura.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê?

Sim.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Sim, eu quero chegar numa companhia, chegar a ser bailarino profissional e ganhar dinheiro com a dança.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Não ministro aulas de ballet.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

15. Qual o tipo mais comum de alunos de ballet? (É esse que você descreveu na questão anterior, qual é o aluno mais comumente encontrado nas aulas de bale em Vitoria, Vila Velha, na Serra ou Guaçuí).

16. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população

faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitória, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Primeiramente a rica, mas só que agora restai desenvolvendo vários projetos sociais.

17. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES).

Acho que de 8 a 50...a 60! Rss...Ana Botafogo.

18. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Mulheres, pelo preconceito um pouco, porque no pensamento deles é coisa de menina. Pro homem é futebol.

19. Há preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Sim, e mais coisa de menina no pensamento deles.

20. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê?

Para a mulher porque a delicadeza, eu acho que a mulher já nasce com a feminilidade que o ballet exige e a flexibilidade também.

21. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê?

Sim.

22. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida).

Não sei...é um lugar que você se aperfeiçoa a partir daquilo que você aprende...desde o início você vai se aperfeiçoando, aí tem pessoas que seguem como profissão, uns de viver dançando, outros de ensinar o que sabe.

23. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?
Primeiramente por saúde por ser uma atividade física e por profissão também. Acho que dá pra viver da dança.

O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

A dança me livrou de virar bandido, se não fosse a dança eu estaria traficando, teria virado bandido, porque tem histórico na família...a dança salvou minha vida.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida da pessoas? Como e em quais sentidos?

Sim. Em todos.

26. Você acha que a dança é capaz promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

Sim.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, elas geralmente se destacam na dança através de oportunidades, de projetos os seus talentos são vistos por outras pessoas.

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descreve (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

Não.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Com certeza, e uma experiência própria. A dança imita a vida.

30. “Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Sim, eu acho que o objetivo é falar com o corpo.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

O que me marcou? ...eu fui selecionado pra ir pra Nova Iorque,mas infelizmente não fui...

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário? Não.

ANEXO XIV**ROTEIRO PARA ENTREVISTAS COM: Manoely Soares Correia****Programa de Estudos Pós-Graduados em Sociologia Política – UVV-ES****Pesquisa para Dissertação de Mestrado:****Título: Dança, O sangue que corre nas veias. A Dança como instrumento para inclusão social.****Aluno: Ludmila Rodrigues Machado****1. Identificação do Entrevistado**

Nome |Manoely Soares Correia _____|

Instituição|ACES: Ação Comunitária do Espírito Santo _____|

E-mail |manoely.soares@gmail.com _____|

Telefone | _____|

Data da entrevista |_25_____|_|_05_____|_|____2014_____|

Observações:

| _____|

| _____|

| _____|

| _____|

Instruções.

O intuito da pesquisa é saber o que pessoas envolvidas com projetos sociais com dança pensam sobre os assuntos ligados ao universo da dança em nossa sociedade.

É importante que você responda o que você pensa, e, caso não tenha certeza da

resposta, pode indicar somente o que sabe. Responda da forma que mais lhe convir.

Se você é somente aluno, não precisa responder as questões ligadas aos professores, que ministram aula de dança. São as questões 11-15 e 30.

Caso você seja professor, por gentileza, responda a todas as questões.

Após preenchido, envie o formulário para balletludmila@hotmail.com

Muito Obrigado!

1. Nome, idade, profissão, cidade onde mora?

Manoely Soares Correia, 18 anos, professora de ballet, Vila Velha

2. Qual seu envolvimento com a dança, hoje? (que tipo de relação você tem com a dança de maneira geral? É aluno, professor, bailarino, vai a festivais... como se envolve com a dança?).

Sou bailarina e professora de ballet há 9 anos

3. Como foi o seu primeiro contato com a dança? Quando foi? (Essa questão quer saber quando você viu, ou ficou sabendo da existência da dança pela primeira vez em sua vida).

Eu tinha 9 anos e no meu bairro tinha uma instituição chamada A.A.O.C.A (Associação Apoio e Orientação a Criança e ao Adolescente) onde oferecia a oficina de ballet para crianças carente do bairro eu me interessei e fui fazer o teste e passei, ganhei uma bolsa para a escola particular de ballet Escola Dançar e passei para o projeto social da Aces, Grupo Pequenos Talentos que hoje e conhecido como CIA JOVEM PEQUENOS TALENTOS, me apaixonei pela dança e estou ate hoje nesta área .

4. Você faz aula de dança à quanto tempo?

|__9__| anos e |__5__| meses

5. O que especificamente te motivou a começar a fazer aulas de dança?

Eu era muito magra e flexível então minha mãe e minha família me motivou a fazer aulas de dança.

6. O que faz você continuar fazendo aulas de dança, hoje?

O meu amor pela dança foi crescendo cada dia mais e hoje esse amor não cabe no meu peito, Para nos bailarinos cada dia é um obstáculo diferente e minha alegria é maior quando todos eles são vencidos.

7. Onde você faz aulas de dança? Por que você faz aula nesse local?

Eu faço aula na Escola Dançar e na CIA Jovem Pequenos Talentos, me sinto bem nos dois lugares sou tratada sem diferença isso me motiva cada dia mais.

8. Antes de começar, que expectativas tinha? (O que você esperava das aulas e do universo da dança, que esperava que as aulas de maneira geral fossem proporcionar a você).

Eu esperava ser aquelas bailarinas de TV lindas famosas, eu inocente achava que o ballet seria fácil.

9. Essas expectativas foram alcançadas ou mudaram? Como? por quê

Ainda não foi alcançada por que o ballet é muito difícil mas o amor pela dança faz que eu me espelhe nas bailarinas de TV e eu sei que com meu esforço de todos os dias minhas metas serão realizadas.

10. Quais são seus planos em relação a dança? (Você pretende obter algo mais do que já tem com a dança, pretende seguir carreira ou se envolver de outras formas com a dança?)

Meu plano é viver com a dança, sair do país, ajudar minha família com uma coisa que eu gosto e que sinto prazer em fazer.

11. Você ministra aula de dança há quanto tempo? Que modalidades de dança você ministra?

Ha 2 anos ministro aula de ballet clássico para Baby Class.

12. Como aprendeu a ministrar aulas de dança?

Vendo os meus professores dando aula para outras turmas.

13. O que te faz continuar ministrando aulas de dança?

O prazer de ver as crianças brincando com a dança, o sorriso delas e sem explicação, saber que eu posso passar o que eu sei para as novas gerações.

14. Por que pararia de ministrar aulas de dança?

Eu só pararia de ministrar dança se acontecesse alguma coisa q me impedisse de dar aulas de ballet .

15. Que parcela da população o ballet atinge? Por quê? (Que parcela da população faz aulas de ballet, que classe social faz aulas de ballet, que tipos de pessoas são a maioria nas aulas de ballet em Vitoria, Vila Velha, Serra ou Guaçuí).

Todas as classes sociais fazem ballet, mas a grande maioria são as classes altas,mas existe ONGs e projetos q levam o ballet ao alcance de todos da classe baixa.

16. Qual a faixa etária dos praticantes de ballet? (Qual a média de idade dos seus alunos de escolas de ballet no ES)

Meus alunos tem as idades de 2 a 4 anos.

17. Você acha que tem mais homens ou mulheres frequentando aulas de ballet? Por quê isso?

Muito mais mulheres, tem homens mais são poucos porque existe muito preconceito com os homens, então a maioria fica com vergonha e desiste .

18. Há preconceito com os homens na dança? E especificamente no ballet? Por quê?

Sim, muito preconceito, a população diz que ballet é coisa de mulher.

19. É mais fácil para o homem ou para a mulher aprender a dançar? Por quê? Para aprender acredito que seja mais fácil para os dois, mas as oportunidades são maiores para o homem pelo fato de ter menos.

20. Você acha que deveria existir um curso superior em dança no ES? Por quê? Sim, por que se agente quer fazer um curso superior temos que ir para fora por não termos esses cursos aqui no ES.

21. Qual o seu entendimento de ballet? (Se você fosse dar um conceito de ballet, qual seria/Se você fosse falar o que é ballet a partir do que você sabe, o que me diria que é/O que o ballet significa na sua vida)

O ballet significa tudo na minha vida, foi com o ballet que comecei a crescer na vida e espero continuar subindo cada vez mais.

22. Você acha que o ballet proporciona qualidade de vida as pessoas? Por que?

Sim, conheço professores que sobrevivem da dança e tem uma condição de vida muito boa.

23. O que o move face à arte da dança e como é que a dança tem transformado a sua vida?

A dança me deu força de vontade de crescer na vida, me fez ter caráter honestidade, disciplina.

25. Você acha que a dança é capaz de transformar a vida da pessoas? Como e em quais sentidos?

Sim, tanto na vida financeira quanto na vida pessoal, a dança faz com que a gente aprenda muitas coisas boas.

26. Você acha que a dança é capaz promover a cidadania em sentido amplo? Como e em quais sentidos?

Sim, a dança faz com que as pessoas cresçam fazendo uma cidadania melhor.

27. Você acha que a dança é capaz promover a inclusão e ascensão social de parcelas mais carentes da população? Como e em quais sentidos?

Sim, o ballet e para todos!

28. Você alguma experiência que usou a dança para promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania?

Em caso afirmativo, quem promoveu qual era essa ação?

Quando foi promovida e em que local?

Descrever (detalhadamente) como essa ação procura promover a inclusão, ascensão social ou promoção da cidadania.

29. A dança pode levar ao campo e às cidades novas emoções e distintas formas de olhar o cotidiano?

Sim

30. “ Na dança não é suficiente apenas sentir o que se faz, mas transmitir o que se sente”. Concorda com este pensamento e foi este modo de sentir a dança que transmitiu aos seus alunos?

Concordo, foi desse modo que comecei a transmitir para minhas crianças.

31. Você gostaria de dizer mais alguma coisa que julgue importante deixar registrado? Poderia relatar algum fato que te marcou neste tempo em que frequenta a dança?

Um fato que me marcou foi ganhar oportunidades que eu nunca imaginei ganhar, ser bolsista e ser reconhecida .

32. Você tem alguma crítica, ideia ou algo que julgue que possa melhorar este questionário?

Não.